



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

**A NEGLIGÊNCIA COM A GEOGRAFIA FÍSICA ESCOLAR E REFLEXÕES  
SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL**

ISAQUE VILAR HUGUENIN

Orientador: Prof. Dr. Andrews José de Lucena

Seropédica – RJ, Julho de 2014



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

**ISAQUE VILAR HUGUENIN**

**A NEGLIGÊNCIA COM A GEOGRAFIA FÍSICA ESCOLAR E REFLEXÕES  
SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia (Departamento de Geociências / Instituto de Agronomia) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título Licenciatura em Geografia.

**Orientador: Prof. Dr. Andrews José de Lucena**

Seropédica – RJ, Julho de 2014

**A NEGLIGÊNCIA COM A GEOGRAFIA FÍSICA ESCOLAR E REFLEXÕES  
SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL**

Monografia aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

Comissão Examinadora:

---

Prof. Dr. Andrews José de Lucena – Orientador  
DEGEO / IA – UFRRJ

---

Prof. Dr. André Santos da Rocha  
DEGEO / IA – UFRRJ

---

Prof. Dr. Andrea Carmo Sampaio  
DEGEO / IA – UFRRJ

2014

*Àqueles que não se cansam de lutar pelo próximo,  
mas que antes, buscam como nos foi muito bem  
ensinado em teoria e em prática por Jesus, esvaziar-  
se de si mesmos em prol de outros.*

*“<sup>1</sup>Por isso, tendo esse ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos. <sup>2</sup>Antes, rejeitamos as coisas que por vergonha se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade. [...] <sup>5</sup>Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor, e nós mesmos somos vossos servos por amor de Jesus[...] <sup>7</sup>Temos, porém, este tesouro em vaso de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. <sup>8</sup>Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados. <sup>9</sup>Perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; <sup>10</sup>Trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também nos nossos corpos. <sup>11</sup>E assim, nós que*

V

vivemos, estamos sempre entregues a morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal. <sup>12</sup>De maneira que em nós opera a morte, mas em vós, a vida. <sup>15</sup>Porque tudo isto é por amor de vós, para que a graça, multiplicada por meio de muitos, faça abundar a ação de graças para a glória de Deus. <sup>16</sup>Por isso não desfalecemos; mas ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. <sup>17</sup>Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente. <sup>18</sup>Não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.”(Paulo na segunda carta aos Coríntios, capítulo 4, versículos 1, 2, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 18 e 19 – Bíblia em Edição Revista e Corrigida).

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, como já venho pensando há muito tempo e discuti com meu amigo de graduação e com quem divido uma casa em Seropédica desde 2011, Ernane Fernandes Moura, reconheço que eu, na verdade, sou muito pouco de mim mesmo. Eu mais sou um amontoado de conhecimentos que a sociedade produziu antes de mim. Esse amontoado de saberes é quem me forma. Por tanto devo agradecer a quem de direito.

Agradeço, inicial e principalmente, sendo esse sem duvida alguma o primeiro da minha lista, à meu irmão mais velho, que me ensinou que na verdade, sem o verdadeiro amor nada somos. Ele me ensinou também que nada do que possuo de material, nem dinheiro, nem casa, nem meus bens, essas *coisas* são apenas *coisas* e não tem valor perto dos sentimentos que posso gerar nas pessoas, e que as pessoas são muito mais importantes do que todas as *coisas* que o homem fez. Ele me ensinou também que tudo o que nosso pai fez ele fez por amor à nós, por tanto devo me empenhar em preservar tudo isso. Meu irmão sofreu muito por mim e mesmo assim eu devo admitir que com a maior cara de pau do mundo eu ainda hoje continuo a trair ele porque faço coisas que ele não gosta. Ele me ensinou muito, mas não faço tudo o que me ensinou; eu erro muito! Que engraçado, ele me ensinou inclusive que eu erraria muito, tanto quanto um irmão nosso errou com ele mesmo estando sob aviso. Mas eu sei que ele me perdoa sempre (e não faço disso um pretexto para continuar errando). Portanto, por ser quem é, eu o cumprimento.

Meus profundos sentimentos à futura Dr<sup>a</sup> Glaucia Vilar Pereira, doutoranda nível sete da FIOCRUZ, com varias publicações em revistas de impacto enorme na área biomédica, com inestimáveis prêmios internacionais em sua linha de pesquisa sobre patologia e a mais excelente profissional em veterinária, que eu, durante 22 anos de vida, nunca vi errar numa cirurgia e nem em um diagnostico. O corpo docente da Medicina Veterinária da UFRRJ está perdendo a profissional que, simplesmente, está aprofundando o debate e a pesquisa sobre a doença de Chagas em níveis que a medicina não contemplou antes (e daí vem seus prêmios e publicações internacionais). Meus profundos sentimentos à minha mãe que enfrentou muitíssimos desafios, como criar um filho que nunca gostou muito de estudar (eu) sendo quem ela é. Nunca desistiu de mim.

Provavelmente é o amor mais próximo do amor que meu irmão mais velho sente por mim. Minha mãe é o porto seguro da minha família inteira e dos todos verdadeiros amigos dela (e eu fico feliz de poder me incluir nessas duas características). Ela sempre me motivou a estudar, me financiando integralmente no início da minha graduação tendo por isso que abrir mão de muita coisa de seu benefício próprio, e eu reconheço isso. Dando-me todo apoio nunca deixou de me ligar. Espero que ela possa contar comigo.

Existe um rapaz na face da terra que, mesmo sendo mais novo que eu, já me ultrapassou em vários quesitos como a sabedoria, a facilidade em conversar e ouvir o próximo, em ter e valorizar seus amigos. Passou-me inclusive nas qualidades musicais, campo onde crescemos e nos desenvolvemos juntos a no mínimo dez anos. Pude ver sua evolução. Já brigamos muito. Hoje ele sabe lutar mais que eu e já me venceu em algumas lutas de *submission* e *muay tai*, artes que prezamos muito. Depois de muitos conflitos eu posso dizer que existem amigos mais chegados que irmãos, e meu melhor amigo é meu irmão do meio, Lucas Vilar Huguenin. Nesse mesmo parágrafo, apesar de ser ainda muito novo, quero me lembrar de meu irmão mais novo Israel Luis Vilar Pereira, que eu já sei que vai ser meu amigo também.

Minha avó Cecília é a quem devo muito por ter me criado durante boa parte de minha infância. Espero ser tão bom avô quanto ela foi pra mim. Sempre me ajudou incondicionalmente. É muito bom tê-la como avó. Sempre traz *coisas* pra mim e sempre me liga perguntando do que estou precisando.

Meus tios Sandra e Jetro, meus primos Kevin e Jonathan e minha prima Katerine sempre são um ponto certo quando estou em Vista Alegre. Meus tios me viram crescer, a quem estimo muito. Jonathan, pra mim, é o Bart Simpson da vida real, e fico feliz porque tenho visto ele se empenhar muito na sua graduação. Kevin, o componente salvador da nossa banda, estou feliz por que tenho visto ele se dedicar aos assuntos de nossa verdadeira pátria. Katerine, mesmo nova, já passou por uma difícil prova para o Pedro II e está aprendendo a tocar teclado. Gravaremos algo, juntos.

Meu avô Nilson, que com grande sabedoria de vida, que foi adquirida nos mais variados ambientes, como desde sua infância no nordeste até seu enorme e respeitoso trabalho na marinha brasileira, me ensina que a família deve vir antes de tudo.



À meu pai Alexandre Huguenin Tavares de Sousa que, nos poucos momentos de contato que eu tive, me ensinou o que é ser um homem dentro de casa, como ter responsabilidades consigo mesmo e com o próximo e como eu devo valorizar meu irmão mais velho. Ensinou-me também muito sobre música e me deu um violão a dez anos atrás mas que ainda hoje é de um raro timbre. Meu pai me ensinou, e isso é muito valioso, a como cuidar de minha futura esposa.

Falando em futura esposa (e que seja um futuro bem próximo, amém!) é não só necessário, como um prazer comentar sobre a pessoa que mais me fez crescer nos estudos. Mesmo minha mãe tendo me incentivado muito a estudar, foi efetivamente Carla Silva Cordeiro que conseguiu botar o desejo dela em prática. Carla ultrapassou o campo do estudo na minha vida. Fez-me crescer em maturidade e responsabilidade. Eu sei que erro muito com ela. Mas sei que também já melhorei demais. É impossível considerá-la apenas como namorada visto que tudo o que sinto e o que ela fez me leva a ir além disso. Minha companheira. Sentir-me-ia perdido na Rural e em Seropédica se não fosse por ela. Na verdade ela sabe muito bem que chegou num período excelente pra mim, e excelente é o que ela é para mim. Minha segurança de muitas horas, de valor imensurável e inestimável. Tenho certeza de que eu não encontraria ninguém como ela, e o que eu já tenho com ela, o que ela é, não me faz querer procurar. Mais do que satisfeito, me sinto seguro sabendo que, daqui pra frente, quando eu cair ela vai me segurar, e eu vou me esforçar para que a recíproca seja verdadeira. Poucos têm a certeza que nós temos em nosso relacionamento. Além de divina providência, isso é fruto de muita conversa e muita discussão, elementos indispensáveis para que um relacionamento cresça e prossiga em crescer saudável. Iniciamos nosso namoro na rural e espero que passemos dessa fase ainda nela.

Enquanto na graduação, conheci muitas pessoas, umas se foram da minha vida, outras ficaram em minha vida, e para muitas delas fui eu quem partiu. Mas para as que ficaram deixo minhas considerações. Não existe ordem de importância nelas.

Se um dia eu gravar um CD eu vou chamar Ernane Fernandes Moura para fazer os arranjos musicais e para completar a produção junto com meu irmão Lucas, os dois caras que eu conheço que sacam de música. Ernane me ensinou algumas atitudes que eu tinha que ter com a Carla quando todos me deram as costas e me aguentou, chato que

sou, como companheiro único de casa durante um pouco mais de um ano, sempre com paciência.

Por falar em paciência, Patrícia Oliveira me mostrou que as pessoas têm gostos diferentes, e que todos são abertos a mudanças.

I would like to thank Jefferson Vinco because taught me to be a little more mature and do not give importance to certain things.

Lidiane Salgado me mostrou que meu irmão mais velho é o cara quando eu nem ligava muito pras coisas que ele falava. Ela me ensinou muito sobre relacionamento, assunto que gosto de conversar com ela.

Agradeço a todos os componentes da REPUBILCK VON RATTEN por mostrar que a rataria não tem limites, tal qual também não o tem a zuera. Luiz, vamos fazer mais sabão qualquer dia desses e fundar a ÉRAMOS RATOS; Glauber, você é mais organizado do que eu, mais eu ainda sou um semi-deus; Guilherme, a casa é pra limpar duas vezes, a louça é pra guardar no armário, e o David Brasil realmente está em todos os lugares; Jefferson, go take a shower; Ernane, lembre-se sempre, não tem porque chorar, tu vais vencer, o anjo está bem pertinho de você, e além do mais, uma bola de fogo desce sobre você por que você é um vencedor. Só os vencedores por favor.

À república TOCA DAS LEOAS, que já passou por várias alterações, eu empenho meus agradecimentos. Luana, Cidinha, mande um abraço pro meu melhor amigo Jhojho, pra sua irmã mais bonita e também pra S\_pap\_. Obrigado por ter me ensinado a formatar esse trabalho; Katherine, Simetona, tomara que você fique rica logo.

Gustavo Pinheiro, Avatar (de apelido Rafael Bartolomeu), BH (de apelido Fábio Durlí), BARRA MANSA (de apelido Marcelo Loura), Vitor (companheiro de estagio supervisionado), obrigado a vocês por me acolherem em sua casa durante muito tempo. Vocês são a prova real de que toda doidera do mundo é pouca quando nos reunimos.

Carolina Aparecida e Luana Gava, sempre me deram apoio nos trabalhos da academia.

Lidiane Andrade, com quem eu desde o início sabia que cultivaria uma amizade. Obrigado por me acolher nos finais de semana com sua mão sempre boa para a cozinha.

Gabriel Menezes (e mais mil sobrenomes), você é um cara muito especial. É sempre muito legal ir à sua casa só pra conversar, e assunto é o que não falta com nós dois.

Vivian Silva, você sempre foi atenciosa comigo durante todo o tempo. Eu e Carla te estimamos muito. Você é impagável.

Vinicius Bretas, você é um cara muito bom, e muito engraçado. Quero manifestar que me lembro de você.

Samuel Rottas, você é um bom amigo, quem me mostrou inícios de um pensamento mais fundo sobre meu irmão mais velho. Vá treinar ninjutsu. Obrigado porque me ensinou a fazer malabarismos.

À banda “DOMMEV”, ou “VÓ CECILIA”, composta por Isaque, Lucas, Samuel e Kevin, que em sua única apresentação mandou muitíssimo bem. Depois da apresentação, a guitarra ficou parada, a pedaleira da guitarra queimou, o baterista machucou a mão, o baixista ficou sem baixo e o vocalista estragou a garganta. Não se preocupem, estrelas morrem mesmo, esse é um processo natural no cosmos.

Alessandra, Carlos, Vanessa, Cleysson, Susana, Degair, Tina e Célia. A pesar de serem da família da Carla vocês me acolheram muito bem. Devo muito a vocês também.

Ao corpo docente e administrativo da UFRRJ.

Ao administrativo eu agradeço ao Julio, Karine e Rafael porque sempre me atenderam sem ressalvas.

Ao corpo docente como um todo, eu quero agradecer porque sempre que possível foram solícitos em me aturar nas aulas e nos corredores.

Agradecimentos especiais à Regina Cohen Barros que nunca rejeitou uma ligação minha, antes sempre me atendeu até mesmo quando não podia falar. Regina, se o mundo do funk tem a mãe loira, você na geografia da UFRRJ é a mãe geográfica. Por favor, tome cuidado para não se esquecer de cuidar de você também, pois sei que seu carinho pelos alunos faz você esquecer-se de si mesma às vezes.

Andrews José de Lucena, excelente professor de Climatologia com didática especial nessa área e que não tem medo de mostrar sua opinião nas aulas de Rio de Janeiro, eu agradeço por ter me acolhido praticamente como um filho na graduação<sup>1</sup>. É

---

<sup>1</sup> Estou até pensando em te pedir “benção” todas as vezes que eu te encontrar, como alguns filhos fazem com seus pais.

bom conversar com você sobre os diversos assuntos, e mesmo que nossas visões se afastem um pouco em algumas horas, foi você quem me ensinou na prática que devemos respeitar as visões diversas. Espero não ter sido um peso ao senhor durante a orientação pela FAPERJ e na monografia. Sei que errei em algumas áreas, como em prazos e em ser prolixo, e por isso peço perdão.

André Rocha, pelas inúmeras indicações que me fez para que pudesse dar aulas, lhe considero como meu iniciador no mundo escolar. Obrigado por sempre me resgatar com o PIBID, bolsa que foi uma verdadeira salvadora durante a graduação.

Leandro Dias de Oliveira, o homem que, dizem por aí, leu 100 livros acadêmicos em um ano. Esse professor, sempre muito engraçado em seus comentários, me mostrou que estudar é uma profissão também, mas que não precisa ser um *tripalium*. Acho que o senhor não sabe, mas eu compartilho com o senhor do estudo dos significados e raízes das palavras. A exemplo, “compartilhar”, palavra usada por mim propositalmente na frase anterior, pois significa que nós estamos partilhando juntos dessa prática. Espero seguir uma linha de pesquisa próxima a seu trabalho sobre desenvolvimento sustentável, uma que fale da relação da sociedade atual com a natureza.

À José Augusto Baia Filho, homem de bom caráter e sempre prestativo, o mundo precisa de mais pessoas como ele. Agradeço por, num momento de crise em minha vida, quando não tínhamos onde morar, alugar a casa para nós e sempre atender a quando o chamamos. É um exemplo de filho que cuida do pai. É isso que significa honrar pai e mãe, é cuidar deles quando eles precisam, e é isso que “Guto” faz com o pai dele. Parabéns Guto.

Entendo que simples agradecimentos, a pesar de representarem muito, são pouco perto de ações de gratidão efetivas.

## RESUMO

O presente trabalho procura entender o porquê de a geografia física, ramo da geografia, estar sendo hoje negligenciada no âmbito escolar. Como diversos autores apontam, o problema do ensino de hoje não se baseia na qualidade dos conteúdos. A partir disso já podemos concluir que, se há realmente uma negligência com a geografia física escolar, essa não será oriunda de sua produção na academia. Observamos então que as políticas que regem as escolas e o sistema de ensino brasileiro, o quadro de formação dos professores e de atuação dos mesmos num contexto educacional contemporâneo e a visível falta de interesse de milhares de alunos pelos estudos constituem um dos motivos pelo qual se dá esse descaso.

Portanto, esse trabalho objetiva a análise desses três agentes, professores, alunos e políticas educacionais, sempre voltando suas análises ao ambiente da geografia física para que possamos ter uma visão panorâmica do que está gerando esse descuido.

Palavras chave: ensino no Brasil; didática; Ensino de Geografia;

## SUMÁRIO:

AGRADECIMENTOS.....	VII
RESUMO .....	XIII
PREFÁCIO .....	1
INTRODUÇÃO.....	3
<b>1. REFLEXÕES EM GEOGRAFIA .....</b>	<b>6</b>
1.1. POR QUE O TEMA DA PESQUISA É RELEVANTE? .....	6
1.2. O QUE É A GEOGRAFIA FÍSICA? .....	8
1.3. POR QUE PRECISO SABER GEOGRAFIA FÍSICA? .....	13
1.4. POR QUE PRECISO ENSINÁ-LA?.....	16
<b>2. O ESTUDO DE CASO EM ARRAIAL DO CABO.....</b>	<b>19</b>
2.1. A VIVÊNCIA EM SALA DE AULA.....	19
2.1.1. <i>Dos objetivos em sala de aula</i> .....	19
2.1.2. <i>O fenômeno da ressurgência no litoral do Brasil</i> .....	19
2.1.3 <i>Da aplicação do conteúdo – a experiência da vivencia em sala de aula</i> .....	20
2.2. A APLICAÇÃO DE QUESTIONÁRIOS .....	21
2.3. RESULTADO DOS QUESTIONÁRIOS .....	29
<b>3. AS DIFICULDADES DO/NO ENSINO E DO/NO ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA .....</b>	<b>32</b>
3.1 – AS ORIGENS DA ESCOLA E SUA FILOSOFIA.....	32
3.2. A CONJUNTURA ATUAL DO ENSINO E O PERFIL DO PROFESSOR E DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.....	34
3.2.1. <i>A formação do professor: o aluno, os professores, a universidade</i> .....	35
3.2.2. <i>A prática de professor: os alunos, o professor, a escola</i> .....	40
3.3. LIVROS DIDÁTICOS E LIVROS DIDÁTICOS DE GEOGRAFIA .....	45
<b>4. CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE GEOGRAFIA .....</b>	<b>50</b>
4.1. DICAS PARA AS AULAS .....	50
4.2. MATERIAIS CONCRETOS .....	52
<b>5. PARA NÃO CONCLUIR .....</b>	<b>55</b>
<b>6. BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>57</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>60</b>

## PREFÁCIO

### Sobre meu trabalho

Muita ainda terá que ser escrita até que os acadêmicos vejam que ler não é mais importante do que fazer, mas sim tão quanto. Tenho quase certeza que meu trabalho será, no ambiente acadêmico, só mais uma simples pesquisa de graduação. Por mais que o conteúdo nele presente seja inédito (junto a poucos outros) se observando um quadro geral da produção acadêmica brasileira ele não irá revolucionar a estrutura científica pois por si só é muito pequeno para isso. Inúmeros são os exemplos de autores que só tiveram reconhecimento nos seus trabalhos muitos anos após sua morte. Não estou afirmando que meu trabalho seja uma obra prima, apenas digo que a produção ao meu redor não indica que esse seja o próximo caminho que a geografia mundial, ou mesmo a brasileira, irá tomar, o caminho de pensar a geografia física escolar, contudo, espero que as idéias nele presente sejam cuidadosamente observadas, dissecadas, analisadas e testadas. Assim, se houver alguma eficiência no que venho a apontar, essa se manifestará com pressa.

### Sobre meu trabalho e um pequeno quadro crítico à educação brasileira:

Apenas olhar para a geografia física escolar não resolverá o problema da educação porque existe um interesse das editoras de livros didáticos na formação dos currículos mínimos (confeccionados pelas prefeituras), e essa prática, por mais que não possa ser comprovada em documentos, é real e todos os professores de rede pública sabem disso. Na vida real o professor tem que dar uma miríade de conteúdos em poucas aulas. E para piorar esse quadro, essas aulas são interrompidas por feriados, pontos facultativos, projetos que a escola recebe, provas de avaliação como SAERJ, SAERJINHO entre outros.

Existe uma estrutura de poder por traz de cada currículo, de cada ciência.

Admitimos, por tanto, que a estrutura que rege a educação condena essa enorme quantidade de conteúdos em tempos muito curtos, com péssimas condições de trabalho. Esse é um dos alvos de nossa crítica nessa monografia, mas o nosso interesse também transborda em saber o porquê a geografia física está menos valorizada que a humana no

ambiente escolar. Para isso é impossível não comentar as mazelas do ensino, mas o foco é a diferença no tratamento entre as duas geografias.

### Sobre meu trabalho e um pequeno quadro crítico sobre os professores de hoje

Como questionamento aos professores de hoje, que mais do que nunca na história da humanidade tem acesso a toda sorte de fontes de estudo, podemos pensar no “por que devo ensinar geografia física?”. Essa pergunta se mistura com outra: “por que *preciso* ensinar alguma coisa?”

Ao longo da minha caminhada pela graduação eu me perguntei, “por que estou fazendo isso? Por que preciso ser professor? Por que é importante ter alguém que ensine ciências nas escolas? Qual a função real de um professor em sala de aula? Qual a função do professor de geografia em sala de aula?” “E para que serve a geografia na vida dos estudantes?”. Depois de muitas pesquisas eu não encontrei essas respostas. Não sei se o debate sobre a utilidade de um professor de geografia é tão obvio que ninguém se propôs a escrever sobre ele, mas me incomodei a pensar sobre isso.

Refleti e cheguei a conclusão de que nem todos os indivíduos da sociedade precisam saber geografia, mesmo que fosse muito bom que todos soubessem (assim sendo o mundo teria realmente uma outra configuração).

A grande realidade é que muitos de nós estamos/estaremos em sala de aula por que gostamos de geografia e precisamos de uma profissão, precisamos exercer nosso trabalho abstrato (KURZ, 1992) ao capitalismo, por isso juntamos o útil ao agradável. Mas realmente nos questionamos a cerca de nossa efetiva utilidade para a sociedade? Por que alguém que quer ser medico ou programador de sistemas, ou alguém que só tem a opção de ser faxineiro ou porteiro (sem demagogias, essas profissões são sim desvalorizadas em nossa sociedade), deve saber geografia?



## INTRODUÇÃO

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS E METODOLOGIA**

#### Considerações iniciais:

Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender o quadro atual da educação geográfica no ensino básico, aprofundando-se no campo da geografia física bem como trazer uma reavaliação sobre o quadro do ensino no Brasil. Teve como apoio o projeto “PENSANDO O ESPAÇO DE ARRAIAL DO CABO-RJ: PESQUISA E PRÁTICAS EDUCATIVAS NO COLÉGIO MUNICIPAL VERA FELIZARDO” financiado pela FAPERJ.

Observa-se hoje, e isso é unânime entre a quase maioria dos professores de geografia, um peso desigual entre os conteúdos da geografia humana em detrimento dos conteúdos da geografia física. Historicamente, como aponta Dirce Suertegaray, essa descompensação no currículo escolar tem suas raízes nos anos 1970 no Brasil, época do estabelecimento da geografia crítica e na qual, em prol de um pensamento reflexivo e crítico quanto a sociedade brasileira pós governo-militar, foram diminuídos os estudos da geografia física nas escolas (até então meramente descritiva) em função de uma geografia humana que gerasse mais autonomia no pensamento do indivíduo.

Desse modo, se realmente existe uma dificuldade com o ensino de geografia física a mesma não poderá ser decifrada apenas observando o trabalho do professor em sala de aula. É necessário que se desmonte todo um processo que se inicia desde a formação do professor, passando pelas políticas públicas, destinadas ao ensino – como verbas, materiais, livros didáticos e os parâmetros curriculares nacionais (PCN’s) entre outros –, incluindo uma análise sobre os estudantes.

Naturalmente, o docente que em sua formação deu pouca atenção a geografia física dificilmente saberá articular bem esse conteúdo. Ao chegar à sala de aula, o professor perceberá que o currículo da geografia não prevê um ensino de geografia física de qualidade, então, se afundará num conformismo, abordando apenas os assuntos que o livro didático fornece, conteúdo esse muitas vezes fraco e sem possibilidades de interdisciplinaridade. Acrescido a isso, o descaso dos alunos com a matéria e com a escola como um todo, proveniente de um ensino não significativo e pressões sociais, irá gerar uma situação onde professores e estudantes cumprem atividades automáticas de

“dar aulas” e “observar aulas”. Obviamente, as questões que envolvem a formação do professor, as políticas públicas e a falta de interesse dos alunos não são tão superficiais, mas sim dignas de um debate mais profundo.

Objetiva-se, portanto, compreender o desenvolvimento do tratamento desigual para com a geografia física, como tal enredo se desenvolve na contemporaneidade, possíveis conseqüências de uma sociedade que não conhece os aspectos físicos de seu ambiente e, para entendermos melhor tais questões, observaremos ainda o quadro em que se encontra o ensino brasileiro hoje.

### Metodologia

O trabalho é desenvolvido a partir de três métodos: trabalho de gabinete por meio de uma revisão bibliográfica, aplicação de questionários abertos na rede de ensino básica da região dos Lagos, e vivência escolar na escola Vera Felizardo, em Arraial do Cabo.

- Revisão/leitura bibliográfica

A revisão bibliográfica atravessou diversas áreas do conhecimento científico: epistemologia da ciência geográfica, ensino de geografia, didática, filosofia da educação, sociologia da educação, formação de professores, parâmetros curriculares nacionais e a análise de livros didáticos. Com tais levantamentos teóricos se objetivou um entendimento do quadro atual do ensino de geografia e das diferentes representações da geografia física no Brasil em um contexto em que a educação brasileira se situa e das teorias geográficas e pedagógicas produzidas.

Observar a realidade da educação brasileira se faz essencial nesse processo pois tanto professores quanto alunos encontram no cotidiano grandes dificuldades para que se cumpram os calendários dos conteúdos a serem lecionados. Tais dificuldades puderam ser avaliadas na análise bibliográfica, mas o simples trabalho de gabinete não iria expressar a realidade tão bem quanto uma vivência direta, que dar-se-ia com a aplicação de questionários e com a experiência em sala de aula.

- Aplicação dos questionários

Em conjunto com a revisão e análise bibliográfica, confeccionou-se um questionário de 18 perguntas destinado aos professores de geografia da região das baixadas litorâneas do estado do Rio de Janeiro, tradicionalmente denominada de “Região dos Lagos”. A região é contemplada com o fenômeno da ressurgência, presente em poucas partes do planeta Terra e que gera conseqüências climáticas e biogeográficas singulares, tais como a elevada temperatura da superfície do mar e a ausência de chuvas mais abundantes nessa região do estado. O questionário objetiva saber se os professores locais se dedicam ao ensino dos aspectos físicos do ambiente frente a tal fenômeno e como os mesmos encaram a geografia e sua dicotomia.

Entendemos que o conjunto de respostas nos dará uma ampla perspectiva pela variedade de perguntas, que se dividem na seguinte estrutura: as oito primeiras perguntas tratam de questões pedagógicas (a formação do professor, o nível de ensino no qual atua e a estrutura escolar que lhe é oferecida); as sete perguntas posteriores tratam de questões instintamente da Geografia (as opiniões sobre os diversos campos da geografia que o professor tem); as últimas três perguntas tratam sobre as aplicações que o professor dá à geografia em sala de aula (modelo de questionário em anexo). Ao todo foram aplicados 15 questionários nas cidades de Cabo Frio e de Arraial do Cabo, em outubro de 2013 e fevereiro de 2014, visando contemplar o maior número de professores da rede de ensino das duas cidades.

- Vivência em sala de aula

A intervenção realizada foi a aplicação de uma aula no Colégio Municipal Vera Felizardo, em Arraial do Cabo/RJ, escola-objeto de ação do projeto financiado pela FAPERJ, com o tema: “*O fenômeno da ressurgência e seus impactos socioeconômicos*”. O objetivo da intervenção foi o de avaliar os conhecimentos que os alunos tinham sobre a geografia física de Arraial do Cabo e o nível de interação que os mesmos conseguiam realizar com a geografia humana. Desse modo poderíamos ter uma maior perspectiva do trabalho dos professores em sala de aula.

## **1. REFLEXÕES EM GEOGRAFIA**

### **1.1. Por que o tema da pesquisa é relevante?**

O tema é relevante porque lida com a educação, e a boa educação é essencial para a vida pois será ela a única coisa que conseguiremos carregar até nossa morte.

Muito foi preciso para que, hoje, as camadas populares divididas entre tantas classes, pudessem ter o direito a uma educação pública e gratuita. Particularmente no Brasil, essa educação foi sucateada no período do governo militar, que a expandiu quantitativamente em detrimento de uma expansão qualitativa, e o quadro do ensino público que prevalece atualmente é deplorável. Deste modo, a intenção dessa pesquisa é contribuir para o melhoramento da qualidade do ensino e é um dever do professor de geografia honrar os esforços para o melhoramento do ensino, contemplando igualmente em sala de aula a geografia física e a humana.

Acima da polêmica questão da dicotomia geográfica, o que nos importa observar é que os conhecimentos sobre geomorfologia, climatologia, geologia, pedologia, entre outros, não só existem como são tratados dentro da geografia, sendo ela mesma a responsável por levá-los aos alunos na escola. É, portanto, competência do professor dessa matéria dominar e trabalhar esses conhecimentos nas escolas, não somente para cumprir o dever de sua ciência em sala, mas para auxiliar na formação de pessoas.

Os conhecimentos que a atual geografia física considera (visto que ao longo da história a geografia física sofreu várias alterações, como aponta SUERTEGARAY (2013)) são importantes para a formação do ser humano pois ele mesmo é um ser que vive em comunidade e sua comunidade necessita de indivíduos que conheçam a dinâmica do meio em que vive. Não são todos os indivíduos que realmente precisam ter esse conhecimento, mas é necessário que alguns indivíduos o possuam para que possam fazer alterações como realizar obras de contenção, planejamentos urbanos e prevenção de acidentes naturais, por exemplo.

O tema da pesquisa é relevante pois o que estamos nos propondo a discutir é a importância do conhecimento geográfico da natureza, objeto de estudo da geografia física, que tem sido negligenciada nas escolas mas, que em nossa comunidade se faz muito útil.

E se faz realmente útil ao nosso coletivo, nossa sociedade, por um motivo bem específico. Um ensino libertário. Libertário sim num sentido de se abrir o entendimento da sociedade para algumas questões que são diariamente mostradas nos meios midiáticos, como enchentes, tufões, aquecimento global, desmatamento da Amazônia, e que muitas pessoas não fazem a mínima noção sobre como esses processos se dão por fora da mídia, e assim desenvolvem e baseiam seus argumentos sempre nos seios do senso comum. Libertário no sentido de, ainda que paulatinamente, quebrar o senso comum e gerar uma análise crítica sobre o território que as rodeiam e os processos que nele ocorrem.

A geografia física escolar deveria, desse modo, partilhar com seus alunos uma aproximação com a natureza, mas não no sentido que a biologia conduz, antes, no sentido de fazer entender, o indivíduo, o funcionamento do *geossistema*, ou seja, do sistema homem + natureza. Um dos principais tópicos que a geografia deveria tratar, caso quisesse promover um ensino libertário, é a questão da relação natureza/sociedade que como aponta KURZ (2001) anda em maus lençóis. Reside na crítica feita por Kurz um dos principais motivos para que a geografia física sofra uma revalorização, qual seja, a natureza hoje está em ruínas.

Em seu artigo Kurz nos mostra que a ciência moderna se desenvolveu bem, aumentou o conhecimento sobre a natureza, principalmente a partir do século XVII, mas grande que grande parte desses conhecimentos são, na verdade, prejudiciais pois a ameaça a natureza não diminuiu, mas aumentou e muito, principalmente através do uso da natureza tecnologicamente remodelada, a segunda natureza que em especial na nossa sociedade se projeta com violência extrema sobre a primeira natureza.

O resultado disso é um empenho de força bruta inigualável apoiada e sustentada pelo que o autor chama de “*uma calamitosa aliança*” entre economistas, cientistas e políticos que administram os processos de desenvolvimento científico e tecnológico e o defendem de toda a crítica. Por outro lado a crítica a ciência feita por dissidentes e por marginais está duplamente condenada ao fracasso pois não conseguem por em cheque a forma social e nem a estrutura do conhecimento científico, circunscrevendo o problema quase sempre à conduta moral dos cientistas. Em outras palavras, a maioria das críticas feitas a destruição que a natureza vem sofrendo em nosso planeta está fadada ao fracasso pois as pessoas que as fazem sequer sabem achar o verdadeiro problema, o

verdadeiro motivo que causa tanta destruição. Seria então o papel da geografia física, no tempo em que vivemos, tratar dessas relações entre sociedade e natureza, objetivando o verdadeiro motivo de tantas destruições, e explicitando a construção histórica que o território brasileiro sofreu (que, diga-se de passagem, está manchada e exala o espectro e o odor da destruição desenfreada). O trabalho da geografia física escolar seria o de reaproximar os alunos ao debate sobre a natureza. Porém, dificilmente os currículos trarão debates sobre como a natureza não passa de um objeto para o capitalismo. Assim, resta ao professor tentar achar um espaço dentro de sua prisão cotidiana (os curtíssimos tempos de aula) para gerar a liberdade da crítica e do conhecimento, levando os conteúdos da geografia física crítica.

## 1.2. O que é a geografia física?

Para entendermos o que é a *geografia física* precisamos antes ter uma mínima noção do que é a geografia. Essa ciência se inicia, academicamente, no século XIX com as expedições de Alexander Von Humboldt e a catalogação dos dados colhidos por Carl Ritter e, desde então, sofre alterações em seu quadro epistemológico. Atualmente, podemos dizer que a geografia é a ciência que estuda – como seu nome indica – as marcas (*grafia*) que o planeta Terra (*geo*) sofre e os processos que a produzem. Essas marcas podem ser feitas pela própria natureza ou pelo ser humano (que também faz parte da natureza, mas, para efeitos diversos, vamos admitir essa simbólica separação, por enquanto), ou seja, pela dinâmica natural dos ciclos sistêmicos que independem da vontade humana sobre a Terra (a própria natureza)<sup>2</sup>, ou pela dinâmica antrópica que se materializa cheia de intencionalidade do homem.

Mesmo tendo essas marcas em vista, a geografia é uma ciência humana e assim sendo irá sempre objetivar o como, onde, quando e o porquê dessas marcas influenciarem a vida do homem. A natureza constrói espaços, e assim também o fazem os homens. O que a geografia quer entender, e estudar, é como esses espaços, e os

---

<sup>2</sup>Tais ciclos sistêmicos, na qualidade de serem abertos ou fechados, podem ser exemplificados como o ciclo da água, da produção de placas tectônicas, de circulação do ar na atmosfera, a migração e o espriamento dos diversos *reinos* da biologia terrestre, os movimentos de rotação e translação, entre milhares de outros mais que literalmente fazem a Terra funcionar.

devidos sistemas naturais (climatológicos, geomorfológicos, biogeográficos, entre outros) ou sociais (construção de cidades, de fabricas, separação cidade e campo, geopolíticas territoriais, entre outras) dentro deles são apropriados, alterados e influenciados pelo ser humano e como os mesmos espaços e processos podem alterar ou influenciar a vida humana na Terra.

É importante destacar que há hoje na ciência geográfica termos e conceitos que nos permitem juntar esses dois vieses de análise, como o termo *geossistema* que, segundo SUERTEGARAY (2002), significa a unificação entre a ação dos homens e da natureza.

Posto isso estamos agora diante de um quadro que pode dividir a Geografia ao mesmo tempo em uma e duas. Se por um lado observamos as marcas (e os processos que a produzem) que o homem deixa na Terra, então estaremos nos utilizando do método de análise da geografia humana. Se, por uma segunda via, estivermos analisando as marcas da natureza (e os processos que a produzem), estaremos nos empenhando na análise pela geografia física. Muitos estudantes da ciência geográfica se posicionam de forma contrária a essa dicotomia apresentada, defendendo argumentos de unificação da ciência. Alguns outros são a favor dessa dicotomia utilizando-se de argumentos diversos. Para fins representativos e didáticos optamos não por defender um dos dois lados, mas admitir que existem e trabalhar um deles, a geografia física.

Mais profundamente observaremos que existem diversas definições de o que é a geografia física. O autor José Bueno Conti<sup>3</sup> pensa que *“falar de geografia física não seria fácil e envolveria, necessariamente, o exercício de dividir a geografia (entre física e humana), ato questionado desde os clássicos do século XIX”*. Contudo, *“admiti-se a geografia física como sendo o ramo da geografia que se preocupa prioritariamente com a natureza”* e isso inclui o ser humano no que diz respeito a ações que ele promova causando algum impacto ambiental ou estudos para aumentar a logística de produção e manutenção da vida humana (como o planejamento urbano e a lógica de transportes, de produção de alimentos etc). CONTI nos lembra também que Willian Morris Davis em

---

<sup>3</sup>O artigo de Conti *“A geografia física e as relações sociedade-natureza no mundo tropical”* se encontra em: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). *Novos caminhos da geografia*. 5ª edição, 2ª reimpressão, São Paulo, Ed. Contexto, 2010.

1989 defendia a geografia física como sendo “*o estudo do meio físico transformado pelo homem*”.

Outro autor que traz sua contribuição é Antonio Carlos Vitte ao dizer que “*a geografia física é um campo (cf. Bourdieu, 1992) temático que procura problematizar a natureza e sua relação com a sociedade pelo viés da Ciência Geográfica.*”. Se optarmos por seguir a visão de Vitte a geografia física nos trará um amplo leque de atuação que, até mesmo, pode nos causar certa confusão. Segundo a linha de Vitte, a geografia física deve ser tomada como a problematização da natureza e sua relação com a sociedade. Esse argumento nos abre margem para pensarmos, à entonação de um exemplo, que o discurso geopolítico por trás da argumentação feita para embasar o *desenvolvimento sustentável* estaria intrínseco ao campo da geografia física, entretanto, a retórica do desenvolvimento sustentável não transborda o campo das políticas nacionais e internacionais de produção e desenvolvimento de mercadorias do sistema político-econômico vigente. O que Vitte está fazendo é nos abrir a possibilidade de chamar de geografia física todo o conteúdo que envolva a natureza (a qual não nos daremos o trabalho de aprofundar o debate conceitual nesse trabalho) mesmo que esse não venha entender os já citados ciclos sistêmicos naturais que independem da vontade humana para existirem, como no exemplo do debate sobre o desenvolvimento sustentável. Em curtas palavras, para ele, todo o conteúdo que envolva a natureza poderá ser chamado de geografia física.

Mais uma contribuição que destacaremos é a de Strahler que pensa que “*a geografia física é uma área de investigação que põe em contato e interrelaciona os elementos do ambiente físico do homem. [...] A geografia física é um conjunto de princípios básicos das cinco ciências naturais que tratam sobre a atmosfera (meteorologia, climatologia), oceanos (oceanografia), as rochas (geologia), os solos (pedologia), a vegetação (ecologia das plantas, biogeografia), e as formas do relevo terrestre (geomorfologia). Mas a geografia física é muito mais do que uma série de conhecimentos tomados de outras ciências; integra estas informações em modelos de interação com o homem de maneira em que pode ser expressadas em si cada uma das restantes ciências*”.

O autor continua: “*Como ramo da geografia, a geografia física também sublinha as interações espaciais à ordem sistemática dos elementos do meio ambiente em*



*regiões da superfície terrestre e as causas desse modelo.” [...] “Outro aspecto importante da geografia física: a evolução do impacto do homem sobre o meio natural”. Como exemplo desse último argumento eles refletem que “a sobrevivência não dependerá unicamente da quantidade de água e alimentos disponíveis, dependerá também da proteção contra a poluição”. Ainda que ampla, essa definição nos abre um campo de debate ao nos oferecer dúvidas quanto ao método que a geografia física utiliza, seu objeto final de análise e, se assumindo todas essas características, a geografia física torna-se realmente dicotômica da geografia humana – fato que parece ligeiramente soar, ao contrário na definição que Vitte e Conti trazem.*

Uma última consideração, que transita entre ser uma análise e uma definição, é a de Dirce Suertegaray (2013). Após realizar um breve levantamento histórico sobre a evolução do pensamento da geografia física, desde Kant até hoje, a autora explica o seu parecer sobre os rumos que essa ciência tem tomado. Ela diz que *“em nossos dias verifica-se uma mudança analítica em relação aos estudos da natureza. Trata-se da substituição das análises objetivando a explicação da origem e a transformação da paisagem na sua forma clássica (Kant, Humboldt, Choley, Birot, Tricart e Cailleux, Ab´Saber entre tantos), pela a explicação da funcionalidade, pela análise da interação dos processos, ou seja, da transformação das formas naturais por processos de tempo curto. Um sistemismo do e no presente”*.

A autora prossegue: *[...]Os estudos atuais privilegiam o tempo curto, o tempo dos ritmos[...] Diante disto muda a perspectiva dos estudos da natureza, valoriza-se os estudos da forma, da dinâmica / funcionalidade com vistas a decifrar os problemas decorrentes de seu uso/ subordinação. Por essa razão são comuns em nosso meio os trabalhos cujos objetivos e intenções são o reconhecimento da funcionalidade mediante condições de risco, objetivando intervenções que, por sua vez, transfiguram/densificam tecnicamente a natureza. Estes estudos são objetivados, na linguagem ambiental, tão comum entre os geógrafos físicos na atualidade, através dos diagnósticos, dos monitoramentos e das medidas mitigadoras. Monitoramento pressupõe controle e medidas mitigadoras, soluções técnicas de restauração da natureza, portanto, natureza tecnificada, natureza artificializada na expressão de Milton Santos. (SUERTEGARAY, 2013, pag. 7 e 8)*

A partir da análise de Suertegaray podemos ter uma noção, embora ainda sombreada do que seja a geografia física atualmente. Uma ciência que analisa os aspectos naturais do planeta e suas dinâmicas a partir da climatologia, geologia, geomorfologia, biogeografia e oceanografia, mas que os põe em primazia da prevenção de acidentes e a diminuição de riscos bem como a preocupação com as questões ambientais. É ainda uma ciência que prioriza a análise do tempo atual e que é menos descritiva e mais analítica.

Por mais que possam parecer insolúveis entre si, as definições, para nós, se mostram complementares. A perspicácia da análise contemporânea de Suertegaray oferece sustentação aos argumentos de Vitte, uma vez que ambos apontam a problematização da natureza como uma característica da geografia física, que é o que Davis acusa também. As contribuições de Conti e de Strahler também complementam a análise na medida em que trazem a noção da prioridade dos estudos sobre a natureza sem desvincular tais elementos da vida social humana.

Sintetizamos assim a resposta de que é difícil definir um campo do conhecimento em curtas reflexões, visto todo seu laborioso trabalho técnico e analítico. Contudo, poderíamos dizer que a atual geografia física se dá pela análise de todo ambiente, natural ou artificial, que se comporte como um ambiente natural e esteja submetido às mesmas dinâmicas (de ações e respostas) que um ambiente natural. Sendo assim, a geografia física estudará desde um bioma pouco alterado (um ambiente natural e pouco alterado), passando por uma área de mar que foi aterrada (um ambiente que foi bastante alterado) até chegar numa ilha artificial, por exemplo (um ambiente totalmente criado por seres humanos). Contanto que o ambiente responda às dinâmicas climatológicas, geológicas, geomorfológicas e biogeográficas de forma natural (por mais que não atenda a todas essas áreas perfeitamente e a um só tempo) a geografia física estará pronta e apta a dar suas considerações.

Destacamos ainda que o “meio ambiente”, a partir de sua análise espacial, surge como um elo entre a geografia física e a humana, uma vez que fornece elementos suficientes para as duas, tanto em políticas quanto em sua dinâmica natural.

Por último, é importante ressaltar que qualquer geografia que se faça, inclusive a geografia física, é e tem que ser direcionada ao homem, caso o contrário não será geografia, mas sim a ciência da qual foram colhidos os conhecimentos (Biologia,

Geologia, Climatologia, Pedologia, Geomorfologia, Oceanografia). Nesse aspecto, a geografia física é a ciência que, observando um ambiente que seja natural, ou se comporte como um, tenta auxiliar a vida humana na forma de planejamento urbano, planejamento na produção alimentar, deslocamento entre os locais, prevenção de acidentes e diminuição de riscos, entre outros.

### 1.3. Por que preciso saber geografia física?

Por que preciso conhecer o ambiente que me cerca se a todo momento sou protegido? Sou protegido pelo ferro e pelo concreto, sou protegido pelo asfalto, sou abastecido pelos mercados, pelos canos de água e gás, e pelas fiações elétricas, sou protegido por placas que me indicam quais caminhos evitar, sou protegido por obras do governo que previnem acidentes de inundação e deslizamento, sou rapidamente transportado de um lugar para outro por ônibus, carros e trens. Por que preciso conhecer o meio em que vivo?

Como Carlos Walter Porto Gonçalves (2008, p.13) aponta, o Brasil não tem um histórico de preocupação com o meio, ele só surgiu depois dos anos 70, e mesmo assim, como aponta SUERTEGARAY, foi a partir desse ano que a geografia crítica iniciou um processo de desvalorização da geografia física. Ou seja, essa preocupação se deu num plano de fundo onde o ramo geográfico que mais estuda a natureza se via enfraquecido naquele momento histórico.

Essas questões, aliadas à “*visão objetivada*”<sup>4</sup> (visão que torna o ser em questão num mero objeto) que o capitalismo projeta sobre a natureza nos ajudam a compreender a não preocupação que o homem moderno tem com a natureza<sup>5</sup>. Mas será ela tão irrelevante? A final, por que eu deveria conhecer a natureza, a geografia física?

---

<sup>4</sup> Termo trazido por Kurz no já citado artigo “Natureza em ruínas”, p. 2.

<sup>5</sup> O grande público se preocupa com as questões como “aquecimento global”, “falta de água”, “desmatamento na Amazônia”, as mais populares dentre as questões ambientais contemporâneas, mas na verdade essa é uma falsa preocupação visto que não foi originada por ele, muito pelo contrário, não é um enigma para alguns autores que, para além da exposição desses problemas, as grandes mídias projetam na sociedade a culpa por eles. Essa preocupação tem mais um teor de culpa do que de

Estudar o espaço físico é essencial para entender os desfechos de suas ações, maximizar seu trabalho e diminuir possíveis efeitos colaterais a si e a outros. É aumentar a potencialidade de suas ações.

O que queremos com o mundo? Como vamos querer algo com o que não conhecemos? Precisamos estudar a parte física da geografia, para aumentarmos nossa capacidade crítica, e cobrar das autoridades uma maior decência de vida.

Um dos papéis do Estado é suprir as necessidades da nação. O nosso papel, dever, além de contribuir para o melhor desenvolvimento democrático de nossa comunidade é também cobrar as melhorias, os suprimentos devidos. Como vamos cobrar alguma atitude de nossos políticos se não conhecemos minimamente o mundo em que vivemos? O conhecimento é a maior arma de todas!

Podemos insistir fortemente dizendo que uma solução química está sendo preparada de forma errada, contudo, se um profissional químico nos quiser afirmar o contrário ele terá o poder de descarregar sobre nós as mais diversas teorias químicas convencendo-nos de que ele está certo mesmo que, na verdade, ele possa estar propositalmente errado no que diz. Todavia, se possuírmos em nossas mãos a fórmula química daquela solução, teremos também argumentos suficientes para contestar a postura daquele profissional. Semelhante modo, nem todos conhecem as burocracias da política atual, mas, se ao menos conhecermos o ambiente com o qual estamos lidando, poderemos ter um mínimo entendimento sobre as questões que nos rodeiam e sobre o que exigir. Sabemos dar a nós mesmos a qualidade de vida que seja nos seja melhor, e não a que o governo, com suas infundas e maliciosas alianças com empresas privadas, nos disse que é.

Um caso clássico que exemplifica o pensamento acima, ou seja, a dominação de classes sociais por intermédio do conhecimento do ambiente e suas dinâmicas é retratado em “*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*” onde Engels expõe que nessa época os poderosos de Manchester e Liverpool sabiam onde por suas casas, em direção contrária ao vento e em cima das colinas, fugindo assim da fuligem e do poluído ar que vinha das fábricas, deixando-as à cair nos bairros onde os trabalhadores moravam. Mais uma ilustração pode ser observada no famoso livro de Yves Lacoste, “*A Geografia*

---

atenção e mesmo em meio a esse sentimento de culpa, a pressão cotidiana que a complexidade do sistema nos impõe e a filosofia individualista do capitalismo só faz entorpecer no indivíduo qualquer preocupação que vá além da preocupação que ele tenha consigo mesmo.

– *isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra*” onde o autor diz que os EUA sabiam exatamente onde se localizavam as represas vietnamitas e bombardearam-nas para assim conseguirem matar o maior número possível de inimigos (pessoas).

Mas o conhecer a geografia física não se limita a apenas ter noção da força de nossa cidadania. É necessário que se desenvolva em nós um senso de nossa força como um coletivo, o que traremos a seguir.

Quando fazemo-nos essa pergunta (por que devo conhecer a geografia física?) não podemos deixar de nos perguntar o porquê devemos saber outras ciências. Por que precisamos ter outros conhecimentos? Não por causa do sistema capitalista, mas sim, a nossa simples existência nos impulsiona a trabalhar para que possamos sobreviver. Estamos falando de um trabalho concreto, e não do trabalho abstrato (KURZ, 1992) que o atual sistema nos coage a usar como valor de troca.

Existem diferentes tipos de serviços e nossa sociedade tem um número suficiente de pessoas para que uma só não precise saber tudo sobre todos eles, mas o conhecimento que faz a sociedade funcionar possa ser compartilhado. Em nossa sociedade cada um possui uma função que é vital para seu andamento, portanto, nem todos precisam saber geografia, pois há quem saiba e cumpra essa função enquanto outros cumprem funções diferentes aos que a sabem.

Como geógrafo eu não preciso conhecer a biologia ou a farmácia, pois há quem faça e indique remédios para mim na dosagem exata que me fará melhorar de uma doença. Como médico, o profissional não precisa conhecer a geografia, pois há quem analise o espaço geográfico e aponte, ainda que teoricamente, as melhores condições da vida em sociedade, e outras coisas mais.

A divisão social do trabalho nos permite saber sobre a nossa profissão sem que precisemos nos preocupar com o resto das áreas de conhecimento, porém existe uma ressalva. Decerto que o conhecimento do ambiente que nos rodeia se fará extremamente necessário para certos grupos de pessoas em ocasiões específicas, a exemplo, àqueles que possuem suas frágeis casas perto de rios e não tem condições de se retirarem dali; esses têm sempre que ficar alertas quanto a sinais de chuva ou inundações para evitar tragédias em suas residências. Igualmente, algumas comunidades que moram em morros precisam se manter atentas a chuvas e ventos fortes para que não se abata o

mesmo mal sobre suas propriedades, esses dentre outros exemplos. É nesse ambiente que o “conhecer a geografia física” se faz necessário.

Para aquelas comunidades, e para outras semelhantes em condições, saber ler o que o ambiente está lhes dizendo pode ser determinante em se salvar ou perder tudo, inclusive a própria vida. Já pensando na sociedade como um todo, mesmo que não sejam todos os seus integrantes a conhecê-lo, é necessário que esse conhecimento esteja sempre sendo revisto e posto em prática à fins de prevenções de acidentes, logística de abastecimento de água para as cidades, saneamento básico, facilidade de acesso a lugares (como, por exemplo, a construção de ruas e estradas. Como fazê-las? Onde fazê-las?), além de outras questões do ordenamento e do planejamento territorial. Existe também a questão de conhecer a geografia física com a finalidade de se gerar a possibilidade de sustentação da população: não apoiando um desenvolvimentismo capitalista, mas é necessário, por exemplo, que tenhamos metais para nossos computadores, celulares, carros, geladeiras, casas, que são coisas que todos nós sentimos falta nos tempos em que vivemos independente do sistema no qual vivemos, esse objetos são artefatos, são frutos de um avanço tecnológico que auxiliam a vida humana. Como obter o metal? O conhecimento da geografia física como um todo poderá nos auxiliar nessas questões, por mais que os meios e modos de produção desses valerosos itens não pertençam a nós.

#### **1.4. Por que preciso ensiná-la?**

Como professores estaremos ajudando na formação de indivíduos que vivem em sociedade e que precisam contribuir para um trabalho concreto (e abstrato), e dependendo do grupo social e seu contexto socioambiental poderemos até mesmo ajudar a evitar tragédias.

Pensaremos então na seguinte pergunta – mais complexa já que faz questionar minhas próprias ações: por que devo ensinar a geografia, e mais a fundo, por que devo ensinar a geografia física? Se realmente uma das funções da escola é, a partir do professor, formar um indivíduo consciente, crítico, então, como professor de geografia, meu dever será mostrar essa linha de raciocínio através dos caminhos que a ciência geográfica nos pode oferecer.

O professor de geografia deve ensinar a seus alunos sobre o ambiente que os rodeia para que esses conheçam o mundo no qual estão vivendo, as exigências que ele faz, os limites que oferece, bem como as possibilidades que dispõe.

O espaço não deve ser somente um receptáculo pois ele é também delimitador de algumas ações (a final não podemos fazer tudo o que queremos). Como podemos pensar na relação do homem com o meio diante de tamanhas técnicas e tecnologias avançadas? As técnicas e tecnologias estão superando muitas barreiras naturais como a declividade, a seca, os impactos e efeitos do maremoto, mas ainda não podemos fazer tudo o que queremos. Não podemos impedir um tornado ou uma erupção. Ainda sofremos com deslizamentos e enchentes.

Mas mais importantes do que observarmos nossa passividade de sofrer é observar quem está passivo de sofrê-las. Ou seja, quem são as pessoas em nossa sociedade que mais sofrem e que mais estão vulneráveis com os desastres naturais e por quê? O que elas perdem com eles? Muito, pouco, tudo, ou quase nada? Elas só tinham aquela casa, aqueles pertences? Em qual nível eles afetam a vida dessas pessoas? Elas vão depender do governo para reconstruírem suas vidas? O mundo natural é bastante conhecido, sabemos que os desastres naturais irão ocorrer independentes de nossas vontades. Podemos nos prevenir de alguns, mas a população está toda prevenida? Quem realmente sofre com os desastres?

Conhecer o meio em que você está pode fazer a diferença entre permanecer vivo e intacto ou perder tudo em acidentes. Não são poucas as pessoas que vivem em áreas de risco ambiental, sejam eles deslizamentos, enchentes ou avanço do mar, chuvas fortes, dentre outros. Suas casas e todos os seus pertences estão expostos as forças que a natureza – nem sempre com claro aviso – aplicará, mais cedo ou mais tarde.

É, assim, importante que ensinemos aos alunos que moram em áreas de risco que suas casas correm perigo e que não é saudável que continuem morando ali. Por mais que muitos deles venham a ignorar os avisos, ou mesmo que entendam os riscos e não tenham condições econômicas para se mudar de tais áreas, nosso dever é cuidar para que tais informações sejam divulgadas, transmitidas para o máximo de pessoas no espaço formal da escola. Dessa maneira, além de estarmos cumprindo o currículo mínimo da matéria, estaremos auxiliando na prevenção de acidentes e no conseqüente salvamento de muitas pessoas. Ou seja, preciso ensinar geografia física às crianças para

que elas, desde pequenas, conheçam os riscos de onde moram. Se mostrarmos o caminho desde pequena, elas cresceram preparadas para entenderem o meio e atuar, seja retirando-se de lá ou reivindicando melhorias em suas localidades.

Não menos importante é que, ao pensar a geografia física como um todo, como ciência, temos que encarar esse conhecimento como sendo pertencente à humanidade, e não a poucos indivíduos. Todos devem conhecer igualmente a geografia física de onde vive e, se possível, de todo o mundo como forma de se prevenir de acidentes, mas também como forma de apropriação do espaço. Por mais que essa apropriação não venha a ser consumada com escrituras, declarações, ou com a força que o Estado exerce, ela pode ser feita quando a sociedade cobrar seus direitos dos seus governantes, e munidas de um bom conhecimento do meio em que vive ela não se permitirá enganar por qualquer demagogia.

Um último motivo, talvez o menos provável que aconteça, é o conhecimento do meio natural ao seu redor como forma de reaproximação do homem com a natureza, ainda que de forma conflitante. Em nossos tempos de vida ao estilo '*Just in time*' (um estilo de vida imediatista, onde tudo deve ocorrer de forma instantânea) quase não temos tempo para prestar atenção às coisas que nos cercam. Não observamos mais as nuvens nos céus e nem o alaranjado entardecer. Talvez, conhecendo climatologia, nós voltemos a admirar as nuvens, conhecendo geomorfologia, nos voltemos a observar as belas escarpas que rodeiam o Rio de Janeiro, dentre outros exuberantes modelos que a natureza nos oferece e assim possamos criar maior aproximação com a natureza e encorpar a luta pela sua defesa contra as garras do capital.



## **2. O ESTUDO DE CASO EM ARRAIAL DO CABO**

### **2.1. A vivência em sala de aula**

#### **2.1.1. Dos objetivos em sala de aula**

Pensamos numa intervenção em sala de aula que avaliasse o local onde moram os alunos da escola, fornecendo para tal fim conhecimentos da geografia física que ajudariam a explicar boa parte da economia, da vida social das pessoas e das políticas locais. Duas turmas, uma do sétimo ano e outra do oitavo ano, foram contempladas com a aula. Nesse espaço, onde o tema tratado foi “*o fenômeno da ressurgência e seus impactos socioeconômicos*”, buscamos entender como o fenômeno se insere no contexto econômico, social e cultural da região.

#### **2.1.2. O fenômeno da ressurgência no litoral do Brasil**

Compreende-se que a região de Arraial do Cabo possui clima, vegetação, regime eólico e biota marinha peculiares em relação ao resto do estado do Rio de Janeiro. Tais peculiaridades devem-se ao fenômeno climatológico denominado de *ressurgência*.

Este cabo foi chamado de Cabo Frio devido as baixas temperaturas da superfície da água do mar neste setor do litoral fluminense, resultado da ação dos ventos do quadrante leste/nordeste aliado ao movimento de rotação da Terra, que provoca o afastamento das águas quentes da Corrente do Brasil que descem pela costa do nordeste em direção ao sul. Quando essas águas afastam-se da costa, há uma subida das águas frias da corrente das Malvinas que correm em sentido contrário as águas da corrente do Brasil, ou seja, se deslocam do sul em direção ao nordeste (PALACIOS, 1993; TORRES, 1995).

A ressurgência tem seu ponto central na Praia do Focinho na ilha de Cabo Frio, mais conhecida como Ilha do Farol e tem uma área de influência que atinge ao norte o município de Macaé e ao sul do município de Maricá, transformando essa região num dos maiores pólos pesqueiros e turísticos de estado do Rio de Janeiro. Por esses motivos, várias são as políticas de preservação ambiental na região e o governo usa até

mesmo do apoio militar da Marinha do Brasil para ajudar no controle de preservação e conscientização ambiental.

Quando os ventos mudam, como a chegada da frente fria, ocorre o fenômeno inverso, chamado subsidência, que é a descida das águas frias da corrente das Malvinas com o retorno das águas quentes da corrente do Brasil. Como aqui os ventos predominantes são os do quadrante leste/nordeste, a situação mais frequente é a de ressurgência (PALACIOS, 1993; TORRES, 1995).

### **2.1.3 Da aplicação do conteúdo – a experiência da vivência em sala de aula**

Em sala de aula foi problematizado, em primeiro lugar, o nome de Arraial do Cabo e da cidade vizinha, Cabo Frio. Gostaríamos de saber se os estudantes tinham uma mínima noção do porquê desses serem os nomes das duas cidades. Logo de primeira eles associaram o nome “Frio” ao clima do local e ao vento que ali percorre, mas nada responderam acerca dos termos ”cabo” e ”arraial”.

Quanto a Cabo Frio, para responder a essa pergunta, recorri aos aspectos físicos da região onde moram, ou seja, pensei junto com eles o fato daquele local ter o formato de um cabo que se estende ao mar projetado do continente. Eles próprios já haviam entendido o termo ”frio” em relação a temperatura da água e do vento, mas mesmo assim ficaram confusos dos motivos de tais temperaturas.

Quanto ao significado do nome de Arraial do Cabo, foi levada em consideração a palavra ‘arraial’ (pequenas povoações) e relembramos o termo ‘cabo’ de Cabo Frio. Rapidamente não houve mais dúvidas quanto ao nome do local onde moram e da cidade vizinha. Na primeira turma, a turma de 7º ano, essa dinâmica se desenvolveu facilmente. Na turma de 8º ano ela foi um pouco mais difícil por conta de uma maior agitação dos alunos.

Após problematizar o nome das cidades, procurei sanar a dúvida quanto ao clima frio da região com a explicação do fenômeno da ressurgência e suas origens. Em um rápido questionário, que os fez pensar e lembrar do ambiente físico ao redor de sua escola e de suas casas, perguntei-os sobre quais eram os aspectos das plantas daquele local, como sentiam a temperatura da água do mar e qual a sensação térmica que sentiam com o vento. Depois os fiz pensar sobre a dinâmica social do local

perguntando-os quais deles tinham pais ou parentes envolvidos nas atividades pesqueiras, ainda que essa não fosse seu emprego principal. Em relação à economia da cidade eu os trouxe a reflexão sobre o número de turistas presentes, principalmente em Cabo Frio, o quanto eles deveriam gastar em suas estadias e os motivos de estarem ali. Todas as respostas convergiram ao ponto principal da aula, o fenômeno da ressurgência.

Com tal atividade foi perceptível que o conteúdo ensinado e o conhecimento construído foram extremamente significantes para a vida dos alunos visto que eles próprios colaboraram para o máximo entendimento do tema, um fenômeno cotidiano de suas vidas.

Por último, um rápido jogo de perguntas e respostas sobre os termos utilizados e a dinâmica climatológica apresentada foi feito como forma de avaliação.

A experiência em sala de aula mostrou que os alunos possuem curiosidade em saber os conteúdos da geografia física, porém não do modo como os professores a tem aplicado. Por conta da pressão de cumprir os horários da escola e uma igual força para cumprirem os currículos mínimos, os professores acabam não por ensinar os conteúdos, mas simplesmente passá-los de forma memorativa, ou seja, os conteúdos da geografia física se tornam meros esquemas de memorização, sem um exercício de entendimento. Tal prática, mesmo que seja uma fatalidade, não atrai os alunos em seus cotidianos de estudos. Vemos, então, que é necessário que o professor tente fazer um esforço maior em sala de aula para que possa atrair os alunos e sempre que tiver oportunidade aproximar o conteúdo ensinado da vida do estudante.

## **2.2. A aplicação de questionários**

Para verificarmos se realmente há algum descaso com o ensino da geografia física na sala de aula, formulamos e aplicamos um questionário. Nosso questionário continha dezoito perguntas, porém ao final da análise dos dados, julgamos que a pergunta de número seis (6) não possuía a relevância que teria no início de nossa pesquisa para a compilação do resultado final. Para se preservar o direito de sigilo optamos por não identificar nenhum entrevistado.

## **Questionário:**

### **1 – Quanto tempo você tem de formação?**

Muitos professores concordam que o tempo de trabalho de um professor em sala de aula contribui, muitas vezes, para seu descaso com a matéria que vai ensinar. Não raro, professores já antigos em sala de aula, abandonam práticas de planejamento de aulas, tornando suas lições enfadonhas para os alunos. A tendência é que, quanto mais novo for o professor, mais atrativas sejam suas aulas para os alunos porque mais ânimo ele terá de cumprir sua profissão. Em palavras curtas e populares, quanto mais tempo de sala de aula, mais cansativo fica o trabalho e mais relaxado você acaba se tornando.

Do universo de professores entrevistados, 80% estão formados há 5 anos; 13% entre 5 e 10 anos e 7% se formou há mais de 10 anos.

### **2 – Quanto tempo você levou para se formar?**

O tempo que o entrevistado levou para se formar é importante, uma vez que irá revelar se ele estudou em uma universidade pública ou privada. Ao contrário do que se observa em outros países, no Brasil as universidades públicas (UP) exigem mais tempo (geralmente um ano) a mais de estudo de seu graduando do que a faculdade particular (FP). Fora a questão do tempo total do curso, o aluno de UP fica menos tempo em sala de aula, assim como os grupos de estudo e trabalho de campo que um aluno de FP. Isso acarreta num menor contato com as produções e os debates científicos e o conteúdo visto na sala, que poderia ser bem trabalhado pelo professor, tem que ser reduzido por conta dos curtos tempo de aula. Esses, dentre outros motivos, fazem com que no Brasil as UP tenham maior credibilidade do que as FP.

Supomos que os alunos das FP's poderiam ter maiores dificuldades em lecionar a geografia física em sala de aula, já que seus trabalhos de campo e seu contato com a matéria e a produção científica é menor que a de um aluno da UP. Contudo, entendemos e assumimos que com todas essas dificuldades no ensino são os próprios alunos que fazem sua graduação e é somente seu esforço que irá trazer as maiores contribuições para sua vida acadêmica.

O parâmetro utilizado para recolher esses dados foi tabelar os números em intervalos de *até 3 anos, de 3 à 4 anos e acima de 4 anos*. As respostas foram: 73% dos

entrevistados se formaram em *até 3 anos*;20%*entre 3 e 4 anos* ;7%se formou em *mais do que 4 anos*.

### **3 – O que o levou a escolher a Geografia?**

Gostaríamos de saber qual a motivação do entrevistado em buscar a geografia como curso superior. Pensamos que seu interesse inicial pela ciência pode ter influenciado sua prática em sala de aula, pois caso o professor se interesse mais por uma área, talvez ele fosse priorizá-la quando tiver a oportunidade de dar aulas.

Nessa pergunta optamos por seguir a seguinte metodologia de sistematização de dados: juntar todas as respostas dos entrevistados em uma lista para que assim pudessemos comparar a frequência de respostas dadas iguais e as diferenças entre ela. Admitimos que um mesmo entrevistado pudesse dar mais de uma resposta, visto que o que nos interessa não é a quantidade de respostas, mas o que será dito pelo professor entrevistado.

O encontrado foi: 60% alegaram sua escolha por conta da afinidade. As respostas seguintes apresentaram um percentual de 6%: segunda escolha; ampliar a visão, compreender o mundo, a globalização e a realidade; influência de amigos e professores; a oportunidade de ingressar uma universidade; a dúvida entre a Geografia e História; a falta de profissionais na área.

### **4 – Você teve suporte de sua instituição de ensino em sua formação (infra estrutura, corpo administrativo, corpo docente, houve dialogo)?**

Entendemos que o período de formação de professores na universidade não será determinante, mas cumprirá uma grande parcela na qualidade do profissional. E se o mesmo não tiver recebido um digno apoio do corpo docente, administrativo e de infraestrutura, sua formação pode ter sido comprometida. Em muitas universidade e faculdades os alunos não dispõem de bibliotecas, trabalhos de campo, não há abertura para falar com os professores e não recebem assistência para lidar com os assuntos burocráticos de sua graduação. Essa é a importância dessa pergunta. O professor mal formado, independentemente de sua formação ser culpa dele próprio ou de outros, não deverá ser um bom professor em sala de aula.

Para sistematizar esses dados colocamo-los em uma simples tabela que revela a intensidade das respostas, sendo MB – Muito Bom; B – Bom; R – Regular; P – Pésimo, conforme segue abaixo:

Infraestrutura: B[46%]; R[27%]; P[27%];

Corpo Docente: MB [73,5%]; B[26,5%]

Corpo Administrativo: B[33,5%]; R[26,5%]; P[40%]

### **5 – Como foi seu empenho/dedicação na sua graduação?**

A pergunta ofereceu uma ampla visão sobre o perfil do professor. O professor que não se dedicou as matérias da geografia física na universidade dificilmente saberá articular esse conteúdo em sala de aula. As respostas foram:47% afirmaram que seu desempenho foi bom, mas que gostavam mais de umas matérias a outras.20% entrevistados afirmaram que seu desempenho foi imparcial pois se dedicou igualmente a todos as matérias.27% afirmaram que seu desempenho foi parcial pois se dedicaram mais a umas matérias que a outras.6% afirmou que seu desempenho foi regular pois trabalhava ao mesmo tempo em que estudava.

### **7 – Como você avalia o ensino no Brasil?**

Para uma maior análise do quadro do ensino no Brasil priorizamos por escutar aqueles que trabalham com ele todos os dias, o professor. Gostaríamos, também, de saber em qual nível o quadro da educação do Brasil poderia estar desanimando os professores em sala de aula. Mais uma vez, a metodologia de tratamento dos dados foi juntar todas as respostas dos entrevistados em uma lista para que assim pudéssemos comparar a frequência de respostas semelhantes e as diferenças entre elas. Admitimos que um mesmo entrevistado pudesse dar mais de uma resposta visto que o que nos interessa não é a quantidade de respostas, mas o que será dito pelo professor entrevistado.

O resultado mostrou dividiu-se em duas respostas: 20% considerou o ensino regular e 80% ruim. Dos que consideraram o ensino regular, relataram como entraves, a burocracia nas instituições públicas, os poucos financiamentos do Estado e a falta de empenho dos professores. Daqueles que consideraram ruim, os relatos incluíram a pouca valorização da disciplina no espaço escolar, péssimas condições de trabalho,

desinteresse dos alunos, pouca cultura de educação no país e ausência de investimentos reais.

### **8 – Como você avalia a escola em que está atuando?**

A qualidade da escola em que está atuando faz uma enorme diferença na “vida útil” do professor pois esse pode estar recebendo mais ou menos estímulos de continuar se empenhando, caso se perceba que seu trabalho está sendo recompensado. 46,5% dos entrevistados dão aulas em escolas privadas e afirmam serem boas, pois conseguem oferecer mais suporte em sala de aula, os alunos tem boa base teórica, o corpo administrativo da escola é bom, há boa infraestrutura e há material para os alunos.

40% dos entrevistados dão aulas em escolas públicas e afirmam ser um ensino de boa qualidade. Dizem que os alunos não são interessados, as escolas não possuem materiais e infraestrutura, estão inseridas num contexto de violência, não há merenda para os alunos, salas de aula lotadas, dentre outros sintomas de uma educação com baixa qualidade. 13% dão aulas em escolas públicas e as consideram razoavelmente boas.

### **9 – Qual a sua impressão quando pensa na geografia como ciência?**

Quando pensamos nessa pergunta esperávamos identificar em cada professor o que ele pensa sobre a geografia, o que ele espera dela como uma ciência, quais as possibilidades e limitações. Isso nos ajudaria a identificar parte de sua relação com a geografia física e parte de sua motivação enquanto profissional.

20% dos professores indicaram que a geografia é uma ciência que fornece um senso crítico a quem a estuda. 46,5% afirmam que a geografia é uma ciência que “abre a visão” e nos ajuda a enxergar o mundo, mesmo sendo dicotômica. 33,5% apresentaram respostas diversas: é uma ciência dividida, mas que unifica; seu atual produtivismo a está desvalorizando; é uma ciência humana que tem que trabalhar com o espaço geográfico; através dela entende-se o mundo pelo conceito de *espaço geográfico*.

### **10 – Com qual tema na geografia você tem mais afinidade?**

Essa pergunta se fez simbólica. A partir dela buscamos traçar o perfil do professor e entender quais assuntos ele teria mais facilidade de tratar em sala de aula. Mais uma vez não limitamos o entrevistado a uma resposta pois o que realmente nos

interessa é o que ele iria nos contar. Anotamos quais foram os temas levantados e quantas vezes cada tema se repetiu, e caso o tenha ocorrido, dividimos cada tema em sua respectiva área, seja geografia humana ou física.

Como respostas observou-se que 66,5% responderam Geografia Humana, divididas em Política, Economia, Regional, Urbana, População, Educação, Geopolítica, Epistemologia, Cultural e História do Pensamento Geográfico. 13,5% responderam Geografia Física, dividida em Climatologia e Geologia. 20% avaliou a geografia como uma ciência transversal, a partir do “meio ambiente”, Cartografia e Educação Ambiental.

### **11 – Qual a sua avaliação sobre seus colegas professores de geografia?**

O contato com os colegas é importante para que se compartilhem experiências. Isso auxilia no crescimento e no amadurecimento do professor enquanto profissional assim como gerar uma motivação para que se cumpra seu emprego. Além disso, objetivamos saber o que os próprios professores acham de seus colegas em sala de aula afim de identificarmos falhas no comportamento docente.

80% dos entrevistados afirma que seus colegas professores de geografia são bons, mesmo com falhas, e que todos estão submetidos às mazelas do ensino público. 20% acusaram ter colegas professores formados em História mas que dão aula de Geografia. 10% indicaram que existe um déficit de professores de geografia nos municípios.

### **12 – Como você avalia o material didático que lhe é fornecido (livros didáticos, globos mapas, projetor de slides etc.)?**

Gostaríamos de saber se os professores tem se sentido assistidos em sala de aula pelos materiais didáticos que lhes são fornecidos. Desejamos também saber se os materiais didáticos são fiéis ao representar a geografia.

Alguns professores que dão aulas em escolas particulares disseram que possuem materiais didáticos de qualidade à sua disposição, mas que não adiante tê-los se o professor não souber o conteúdo. Outros, que lecionam em escolas públicas, dizem que nelas não há materiais didáticos, nem mesmo livros didáticos para os alunos. E uma



outra parcela de professores que dão aulas em escolas públicas afirmam que possuem alguns materiais didáticos, mas que são muito incompletos, não seguem o PCN.

### **13 – Como você avalia o currículo geral da geografia (PCN)? E o currículo escolar?**

Gostaríamos de ter a impressão de cada professor sobre o PCN da geografia bem como dos currículos mínimos das escolas e do município para podermos identificar se eles tem se sentido a vontade ou trabalhado sobre a pressão de cumprir um horário.

Sobre o PCN, 53,5% dos entrevistados disseram que o material é bom, satisfatório e socio-construtivista, apesar de não haver tempo de segui-lo ou de faltarem alguns conteúdos. 6,5% dos entrevistados não soube responder a essa questão. 40% afirmam que o PCN não é bom pois camufla a realidade, não trabalha as especificidades dos locais e são muito extensos. Todos os que falaram contra o PCN abordaram que ele deveria trazer mais conteúdos sobre o local que o professor está atuando, onde os estudantes vivem.

Sobre o currículo escolar, somente 20% dos entrevistados responderam, dos quais 66,5% disseram que ele é muito ruim e não valoriza a geografia e 33,5% disse que era bom.

### **14 – Como você vê a geografia física?**

Essa pergunta oferece um grande indicativo para observarmos como eles a tratam em sala de aula. Alguns dos professores deram suas respostas, baseados no que fazem em sala de aula. Outros a responderam baseados nos seus próprios conhecimentos acadêmicos.

Sobre a geografia física “acadêmica”, 46,5% dos professores alegaram que a geografia física é indispensável, é o motivo de existir a geografia, mas é muito negligenciada. 20% responderam que ela poderia ser uma ciência separada da geografia humana, que ela é indissociável da humana e que ela está longe, pois a geografia é uma ciência social, tem que ser voltada ao homem.

Sobre a geografia física na escola, 60% alegaram ser difícil trabalhá-la em sala de aula, pois os livros didáticos não contribuem com seus métodos memorativos e sem muitas figuras. Os exemplos são distantes da vida dos estudantes, além de ela possuir

muitos termos técnicos complicados.40% dos professores disseram que trabalham com ela em sala de aula, senso relativamente fácil a sua aplicação.

### **15 – Como você vê a geografia humana?**

Essa pergunta, como a anterior, irá nos mostrar a afinidade que o professor tem com a geografia humana e nos servirá como indicativo se ele a trabalha mais em sala de aula do que a geografia física.

Sobre a geografia humana “acadêmica”, 33,5% dos professores afirmaram ser a verdadeira geografia, ou ser a geografia fundamental, sem ela não existiria geografia e é excelente pois faz pensar e refletir. É bem desenvolvida e muito ampliada. Tem mais relevância na academia.20% afirmaram que ela é mais difícil de estudar, mas que abre a visão e que quando pode, ela “conversa” com a física, ou que ela é um complemento da física. 46,5% afirmaram que na escola a geografia humana é mais fácil de trabalhar, pois os livros didáticos a abordam melhor, com fácil compreensão e visualização, exemplos mais palpáveis, com maior relevância na sala de aula, pois a geografia estuda o que se tem de atual nos jornais.

### **16 – O que você acha da interação entre geografia física e humana? Você acha que é possível?**

Com essa pergunta desejamos saber se os professores fazem, ou pelo menos tentam fazer, uma interação entre as duas geografias em aula.

80% dos entrevistados disseram que fazem ou que pelo menos tentam fazer em sala de aula essa união. Essa totalidade dos professores afirmaram que a união entre as duas é fundamental para a geografia, que não deveria existir uma dicotomia geográfica e que as duas deveriam andar sempre juntas.

20% dos entrevistados disseram que não fazem ou somente que é muito difícil fazer em sala de aula. Também disseram que é muito difícil relacioná-las em sala de aula pois os livros didáticos não ajudam essa junção.

### **17 – Qual a sua estratégia didática para aproximar o aluno dos conteúdos geográficos que você leciona?**

Com essa pergunta nós queremos identificar quais as estratégias que o professor usa para fazer o ensino ser significativo para os alunos. Gostaríamos de ver se alguns deles levam os alunos a campo, se oferecem exemplos do cotidiano, entre outras práticas.

66,5% afirmam usar, ou tentar usar, o cotidiano ou a realidade dos alunos para explicá-los a matéria sempre que possível, fazendo trabalhos de campo, trazendo fotos, citando exemplos, e trazendo reportagens. Os outros 33,5% disseram que trazem filmes, músicas, relatos de suas próprias vidas, e buscam a aproximação com o estudante.

### **18 – Você utiliza das particularidades físicas da sua região para explicar a geografia?**

Essa pergunta deverá nos mostrar se o professor está mesmo se empenhando em ensinar a geografia física para seus alunos. Nela esperamos encontrar respostas que nos digam que eles buscam o interesse de ensinar da melhor maneira possível sobre o ambiente em que os alunos moram e se usam exemplos para fazer esse ensino ser realmente importante para os alunos.

A resposta positiva para essa pergunta foi unânime. Todos disseram que usam o meio físico ao redor da escola para ensinar a geografia física em sala de aula, mas de maneiras diferentes. Os professores afirmam que sempre que é possível realizam um trabalho de campo com seus alunos, além de exemplificarem a geografia física por meio das lagoas, da marítmidade, ou mesmo com a ressurgência.

## **2.3. Resultado dos questionários**

Muitas das respostas dos professores afirmaram que eles não só se preocupam com a geografia física como também tentam ensiná-la. A princípio, isso nos deixou atônitos, pois nossa suposição inicial é a de que há uma negligência com a geografia física vinda de diversas partes, tanto dos professores, quanto dos alunos, quanto do governo. Porém, ao realizarmos uma análise mais criteriosa, observamos contradições em algumas das respostas e que tendem a revelar nossa suposição inicial.

A maioria dos professores se formou recentemente e por isso não apresentam um cansaço em lecionar e tem consciência dos mais recentes debates acadêmicos sobre a geografia e métodos didáticos que podemos estudar, porém a maioria também formou-se em universidades particulares. Isso revela que, como já dito acima, a tendência é que grande parte dos entrevistados não conheçam a fundo a ciência geográfica e por isso podem estar um pouco mais despreparados. Essa triste realidade que o Brasil se situa quanto a educação superior está, em pequena parcela, sendo revertida pois é inegável que com o Enem muitos cidadãos tem tido um maior acesso à universidade pública.

Grande parte dos entrevistados escolheu a geografia por já terem alguma afinidade, mas ao cursarem suas faculdades podem ter tido um déficit em sua formação, não por causa dos professores, mas pelo corpo administrativo. A infraestrutura foi apontada como boa, isso por que, pelo visto, a quase totalidade se formou em faculdades particulares, mas muitos reclamaram de não ter tido trabalhos de campo e que o corpo administrativo não era eficiente. Alguns disseram que não tinham acesso a biblioteca, outros disseram que nunca quiseram entrar, poucos afirmaram que a usavam.

Após terem entrado na faculdade a maioria dos entrevistados afirmou ter sido bom seu desempenho na graduação, mas somente 20% disseram que seu desempenho foi imparcial. Entendemos que a situação de alguns que trabalhavam e estudavam ao mesmo tempo influenciaram suas formações, e por isso não poderiam ter um desenvolvimento tão forte quanto os que não trabalhavam. Contudo, não podemos ignorar que, mesmo os que disseram que tiveram um empenho bom, acusaram uma leve tendência a certas áreas mais do que outras e por isso suspeitamos que esses tenham despendido um esforço desigual na graduação.

Quando questionados sobre o quadro do ensino no Brasil, os professores, na quase totalidade, apontaram fortes críticas ao sistema o que nos mostra que não estão satisfeitos com suas condições de trabalho. Tal insatisfação os motiva, cada vez mais, abandonar seu empenho e dedicação ao ensino. Quanto a escola em que trabalham pudemos perceber que, mesmo que seja exigente para professores e aos alunos, a escola particular ainda é um forte desejo de trabalho. Muitos professores não vão largar o ensino nas prefeituras e no Estado pelo fato de serem funcionários públicos, mas a escola privada fornece, sem dúvida, uma melhor estrutura para o ensino. A educação

pública, como aponta a pesquisa, vai mal no Brasil e desestimula o professorado de sua profissão, aniquila a vontade dos alunos de estudar e com isso prejudica o próprio país.

Sobre a ciência geográfica, os professores responderam que é uma ciência que fornece um senso crítico a quem a estuda, que abre a visão e nos ajuda a enxergar o mundo, mesmo sendo dicotômica, mas que unifica. Seu atual produtivismo a está desvalorizando, ela é uma ciência humana que tem que trabalhar com o espaço geográfico, através dela entende-se o mundo pelo conceito de *espaço geográfico*. Julgamos essas como boas respostas e acreditamos, com isso, que os professores tenham uma visão boa da geografia e que os mesmos tentem ensiná-la fielmente, mesmo que priorizem um de seus lados.

A maioria dos professores enxerga a geografia física como sendo complementar a geografia humana, pois oferece a sua contribuição (base física). Quanto a geografia humana, apontam como essencial e mais simples de ensinar. Relatos consideram ser tão necessária quanto difícil a interação entre ambas. Por isso, a partir desses resultados, entendemos que a geografia física tem sido de fato negligenciada, não só por causa dos professores, mas pelos livros didáticos e dos PCN, que a maioria acusou não fazer parte da realidade, ou seja, não traz, entre outros aspectos, os aspectos físicos da região onde lecionam. Além disso, mais uma comprovação, é que a maioria dos professores se identifica com a geografia humana e por isso, segundo a lógica dos comentários ao longo do questionário, irá tratá-la com mais esmero que a física.

A análise, observando ainda as respostas das perguntas finais, entendemos que a maioria dos professores, por mais que tenham respondido que gostam e tentam fazer uma junção “das duas geografias” em sala de aula, na verdade, ou não a fazem ou a fazem muito mal, não excluindo a ocorrência de casos de sucesso. O fato de não fazerem uma junção entre geografia humana (a mais fácil de ensinar) e a geografia física, se dá pelo fato de ou não gostarem dessa parte da ciência, não terem tanto conhecimento quanto possuem de geografia humana, não poderem realizar por conta da pressão para cumprir os horários e os conteúdos, ou não terem recursos didáticos suficientes para os auxiliarem nessa tarefa.

### **3. AS DIFICULDADES DO/NO ENSINO E DO/NO ENSINO DE GEOGRAFIA FÍSICA**

#### **3.1 – as origens da escola e sua filosofia**

É necessário, para falarmos do ensino da geografia física, expandir nossos horizontes pois, como já dito, existe uma estrutura de poder que rege a escola e a educação como um todo, por isso, um único conteúdo não pode ser entendido só por si mesmo. Encontramos, dentre outros autores, as críticas que José Willian Vesentini (2007), Claudius Ceccon (1989) e Ezequiel Theodoro da Silva (2000) fazem às origens da escola e à sua filosofia, e nos basearemos nesses autores para encorpar a teoria que diz que a escola, como lócus de poder, não se resume no conteúdo que transmite aos alunos, talvez o conteúdo seja até menos importante do que certos procedimentos como a hierarquia, a autoridade crença nos fatos objetivos, avaliação e promoção. Essas são bases filosóficas e originárias do sistema escolar atual.

O sistema escolar atual é algo obviamente recente. Começou no século XVII, no desenvolvimento do capitalismo com a industrialização, a urbanização e a ascensão da burguesia com o poder dominante e assim adquiriu algumas de suas bases. Desde então a ideologia patriótica, do mérito individual, do trabalho, entre outras, revelam a natureza capitalista da escola. Há um tratamento especial dado ao tempo que se faz nitidamente capitalista em atitudes como a exigência da pontualidade, a importância das horas e minutos, a diferença entre tempo vivido e tempo gasto, o tempo com valor de troca e não mais com valor de uso.

Como o tempo, o espaço escolar também é pensado pelo capitalismo com sua uniformização, a disposição dos objetos e pessoas. Além disso a própria forma como o conteúdo é transmitido (mesmo que esse seja um conteúdo que vai contra o sistema dominante) já é uma forma de dominação: um conteúdo que um professor passa e o aluno aceita. Isso não é claramente proposital, ou seja, não é possível ver essas estruturas de dominação explícitas em leis ou documento que dirijam a vivência escolar, antes, para que se possa achar esses sintomas, é necessário observar que a filosofia do sistema capitalista foi quem se apropriou da escola contemporânea, e desde sua formação influenciou a sua filosofia.

A escola nunca foi pensada para ser um local onde a classe trabalhadora seria privilegiada. Desde seu começo ela foi criada para a educação dos filhos da elite econômica. Nessa história se fez claro que “*durante muito tempo a escola esteve reservada a uma pequena minoria, aos filhos do pessoal que tinha posses, aos filhos dos doutores que estudavam para se formar, eles também, doutores. A grande maioria dos filhos de operários e agricultores não tinha praticamente qualquer oportunidade de estudar e ficava condenada ao analfabetismo*” (CECCON, 1989, p. 20). Hoje, apesar de existirem leis que obrigam os pais a levarem seus filhos à escola (especificamente o ECA), podemos enxergar configuração parecida com a do padrão que analisamos pois o quadro caótico (qualitativamente) no qual as escolas e colégios públicos se encontram em comparação aos avanços da educação privada particular continuam favorecendo somente os filhos das classes altas e média. Esse fato é a representação máxima do interesse do governo e das elites na alienação do povo pois à escola compete o dever de educar cumprindo o artigo 53 do ECA. Essa alienação, alvo principal da nossa militância desse trabalho, pode ser vencida em vários aspectos. Um deles é o ensino do ambiente, do espaço geográfico em que se vive, em seus aspectos humanos e, como estamos propondo, físicos.

Até o início do século XX a escola era ainda destinada às elites com a recusa das autoridades em educar grandes massas populares. Mas nem tudo tende a um lado só pois as classes dominantes não agem de forma igual em todo os Estados e muito menos os dominados se comportam homogeneamente. Assim também um movimento de escolarização na sociedade pode tanto ser resultado de uma estratégia burguesa para melhor dominar e disciplinar sua força de trabalho quanto pode igualmente, a partir de certo momento, ser um fruto da luta das classes populares que enxergam a escolarização como uma possibilidade de melhoria para seus filhos, isso tudo sem haver contra-senso; essas duas condições coexistem.

Após muitas lutas sociais as escolas tornaram-se públicas e gratuitas, mas mantém em si um quadro reprodutivista do modelo de sociedade, fato exposto na plenitude da obra de Ezequiel Theodoro da Silva “*O professor e o combate a alienação imposta*” (2000).

### **3.2. A conjuntura atual do ensino e o perfil do professor e do professor de geografia**

Um dos interesses do sistema vigente à grande parte da população, ao que parece, é que se tenham pessoas cada vez mais formadas somente, com um simples diploma na mão, mas sem qualidade alguma, ou seja, que sirvam de massa de manobra. Trabalhadores alienados os quais se contentam no ganhar pouco e nos quais se é promovido um espírito consumista ao extremo, que muito compra, muito se endivida, mas pouco pensa, pouco questiona.

Outra linha de observação, para além do quadro (miserável) que a quase totalidade das escolas públicas vive hoje, é o aumento da “qualidade” das escolas privadas, pois sua lógica conseguiu um ato histórico. Voltou no tempo e engajou novamente no processo fordista de produção, agora de um tipo diferente de mercadoria, o futuro trabalhador, que atualmente ainda é o estudante, o aluno. Os conteúdos tem que ser passados rapidamente, quase sendo atropelados pelos que virão a seguir, tudo isso a propósito de cumprir um planejamento, às vezes, pouco coeso, desconexo, não contextualizado com a vida dos alunos. O propósito de tais atitudes se reflete em frases que não raros diretores dizem a seus subordinados professores no início do ano letivo: “ao menos oitenta por cento dessa turma terá que passar no vestibular!”. Observa-se claramente que o sentido de tais instituições de (des) educação (obviamente não são todas as escolas privadas que se encaixam nesse quadro!) é formar pessoas que passe no vestibular, somente isso, deixando no aluno um espaço cheio de competição e rivalidade mas que poderia ser preenchido com uma educação crítica, que analisa a sociedade e dá artifícios para possíveis mobilizações, em todos os campos de atuação, contra as mazelas que atingem o povo. Qual será o futuro desses alunos após o término de seu ensino superior? Irão trabalhar para alguma empresa, pública ou privada, que drena o sangue de nossa nação e destrói ambientes (fauna, flora e minérios) endêmicos de nosso país? O professor que não combate essas atitudes, em simples palavras está apenas contribuindo para que a exploração da população continue. Um caminho contrário ao dessa perversidade é se manifestar com atos inteligentes, conscientes e críticos contra a situação da educação no Brasil, a começar por lutas próximas a sua realidade, como um ensino crítico e de qualidade aos pobres, não somente aos ricos. Esse é um



complemento contemporâneo a *ideologia de pressa* alertada por Ezequiel Theodoro da Silva (2000). O que eu preciso saber para ensinar? Por que e para que ensinar? Preciso saber da realidade que me cerca. Ensinar para que não fiquemos, eu e meus companheiros (alunos, colegas, familiares), a mercê de uma exploração e uma *alienação imposta*.

Divido, para fins de estudo, o quadro educacional em três instancias: a política (representada inclusive pela escola e pela universidade), os professores e os alunos (que, diga-se, têm que ser o principal alvo e finalidade de qualquer pensamento voltado ao ambiente da educação) admitindo-se que coexistem e que na pratica diária podem tornar-se independentes, até certo ponto, uns dos outros. Com atitudes de *protagonismo juvenil*, estudantes podem, não por completo, mas com ajuda de seus professores, interferir no modo com são ensinados trazendo ao debate da comunidade escolar seus interesses, motivações e limitações derrubando um enfadonho cotidiano de lições em salas de aula com conteúdos distantes de suas realidades. Já os professores, (talvez os que mais sofrem com o quadro da educação brasileira visto que desempenham apego emocional à seu serviço, mas que são em alguns momentos frustrados pelos resultados obtidos e pelo quadro geral da educação), como não têm tempo para fazerem cursos de atualização em suas áreas, podem mostrar interesse em sempre levar algo mais curioso, ou que faça parte do cotidiano da comunidade a seu redor para ilustrar suas aulas alem de debater, nas devidas reuniões, como a escola pode e deve priorizar por um ensino libertário e menos reprodutivista.

### **3.2.1. A formação do professor: o aluno, os professores, a universidade**

#### A Universidade.

O esforço contido nesse trabalho tem se direcionado à pensar o porque de a geografia física ser negligenciada na geografia escolar com o intuito de apontar que na escola a geografia deve ser uma, sem dicotomia.

Na escola as geografias devem ser lecionadas sem dicotomia, como sendo um conteúdo só – e esse deve ser um esforço que o professor deve fazer – pois a maioria

dos livros didáticos e dos currículos não indica essa prática<sup>6</sup>. Isso deve ocorrer, esse esforço é digno de ser feito, pois é na escola onde os indivíduos estão se formando, é nesse ambiente onde passam a conhecer o mundo e tem contato com as ciências. Sendo assim eles devem aprender a pensar, e pensar da maneira científica significa ter um quadro amplo do que se está analisando. Como poderá o indivíduo ter um quadro amplo do mundo onde vive se enxergar somente a geografia humana?

Mas antes de juntar a física à humana temos que conhecê-las a fundo. Com “temos” quero dizer que os professores de escolas devem conhecer bem esses campos, e como os farão? Também, para além de seu esforço pessoal, através dos professores universitários. Eles nos ampliarão a visão sobre a matéria. Por isso, o professor de geomorfologia *não pode ter como objetivo*, nas aulas da universidade, mesclar os assuntos físicos e humanos, e sim ensinar integralmente sua matéria (mesclando quando for conveniente). Semelhante modo o professor de geografia da população (entre outros exemplos), caso contrário, não entenderemos os limites e as possibilidades desses ramos de conhecimento. A união desses conhecimentos é necessária, mas não deve ser obrigatória na fala diária dos professores, antes, o papel de juntar os campos *físico e humano* da geografia deve ser praticado pelo graduando, isso porque é ele quem está se graduando, aprendendo a olhar com as lentes científicas.

A universidade é o local onde podemos nos capacitar a promover tal interação pois nela nos encheremos de conhecimento necessário para isso. Mas a cada dia tenho observado que, na verdade, a real intenção da universidade não é a de encher seus alunos de conhecimento, pelo menos não as faculdades de “humanas”, mas sim ensinar seus alunos a pensar com os pesos teóricos e epistemológicos da ciência que estuda. É dar lentes com a visão científica específica. Dessa forma, por exemplo, suponhamos que um geógrafo e um biólogo estão lado a lado caminhando pela 5ª da Boa Vista, no Rio de Janeiro. O geógrafo terá sua análise sobre aquele ambiente com fortes tendências à analisar a história do local (já que, como já aprendemos, espaço e tempo são indissociáveis) a construção do espaço urbano ao seu redor, relações de poder que ali se

---

<sup>6</sup> Por mais que nos capítulos tratam sobre os continentes existam tópicos como “características físicas de ‘x’” esses conteúdos não são devidamente relacionados ao resto das informações que o livro traz sobre os aspectos humanos daquele local.

estabeleceram, relações econômicas que ali permanecem até hoje; em contrapartida o biólogo, provavelmente, avaliará a interação entre os organismos que ali vivem, a espacialização discriminando os ambientes em que vivem, a diversidade de indivíduos de cada espécie que compõem aquele ambiente, entre outras análises. Dois olhares sobre um mesmo local, oriundos dos pesos científicos que cada indivíduo recebeu.

O graduando está aprendendo a olhar para o mundo com os olhos da geografia. Sendo assim, se seu futuro emprego o irá obrigar a juntar as duas geografias, como o é no caso dos licenciandos, ele precisa se capacitar o máximo que puder e sempre fazer o esforço de pensar uma geografia não dicotomizada. Se esse esforço for corrente ao longo da graduação, quando chegar em sala de aula o profissional não terá problemas em fazer tal junção. Do contrário, ele terá problemas em responder questões simples.

Porém, mesmo que o trabalho de juntar as geografias não seja responsabilidade do professor da graduação, essa questão, agora posta com sua devida importância, deve ser alertada aos alunos pelos professores. São eles, os professores, quem devem dar o estímulo inicial, logo no princípio da graduação dos alunos. Essa responsabilidade deve ser sua pois já são maduros cientificamente e por isso entendem que o espaço não se constitui somente de economia e política ou de climatologia e geomorfologia. Fazendo isso estarão realizando nada mais que seu trabalho, qual seja, ensinar outros a serem professores.

*O professor precisa aprender e seu professor precisa aprender a ensinar.*

Como bem aponta Vanilton Camilo de Souza em seu artigo “A formação acadêmica do professor de geografia” no livro “Educação Geográfica: Reflexão e prática” de Helena Callai (2011), “são recorrentes as idéias de que nesse nível de ensino (no nível superior) <sup>7</sup> não é necessário conhecimento pedagógico, de que o domínio dos conteúdos do campo disciplinar é suficiente para o ensino e de que a construção do conhecimento é decorrente, essencialmente, da transmissão do professor.” (SOUZA, 2011, p. 122)

---

<sup>7</sup> Consideração nossa

Se o futuro professor não aprende bem, como irá ensinar? Se o professor não aprende bem desde sua graduação ele carregará essa deficiência para a sala de aula aumentando ainda mais a crise no ensino. Efeito dominó. Por isso o ensino ao graduando é muito importante e os formadores de professores devem estar sempre tendo em foco a responsabilidade de estar educando um futuro professor.

O trabalho da formação de um professor pressupõe o esforço mútuo entre o professor universitário e o graduando. Esse esforço é necessariamente mútuo e indissociável uma vez que a educação depende de ambos cooperando para a construção do conhecimento. Posto isso, importa ressaltar que, do lado do graduando, esse deverá buscar sempre unir os conhecimentos das geografias; do lado do professor esse deverá se empenhar em dar boas aulas. Assim, mais tarde em sala de aula escolar, assunto nenhum será negligenciado, isso no que depender da iniciativa do professor.

Teorias aos montes dizem que a boa aula é aquela que constrói o conhecimento junto com o aluno, o professor deve contextualizar o conhecimento, trazê-lo próximo à realidade que o aluno vive. Alguns dos modos de se contextualizar o conteúdo na vida do estudante são: a aproximação da linguagem do professor com a linguagem do aluno (mas é sempre importante trazer termos e conceitos novos e sempre explicados aos alunos); a aproximação do conteúdo com as experiências vividas pelos estudantes e com seus prévios conhecimentos<sup>8</sup>; e valorização de dinâmicas a fim de gerar uma identificação do aluno com o tema proposto. Essa construção mútua entre professor e aluno muitas vezes não ocorre no ambiente acadêmico. A utilização de termos de difícil compreensão (em nossa língua ou em estrangeiras) quando sem explicação dos mesmos é e sempre será um dificultador do entendimento do estudante (que por sua vez pode sentir-se envergonhado perante a classe e o professor por não conhecer o termo e assim não perguntará sobre o mesmo). Palavras rebuscadas são muitas vezes lançadas para que se mantenha um status para o professor, uma pose de “conhecedor acadêmico” que se quer fazer inalcançável. Essa vaidade acadêmica inclui ainda outra postura além da do professor pavão que tudo quer enfeitar e falar do modo mais difícil, a do professor

---

<sup>8</sup> Isso pode ser feito com uma sistematização de conhecimentos como aponta Nestor André Kaercher em seu artigo “Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em geografia para além do livro didático” em CASTROGIOVANNI, A. C. (org). *Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano*. Porto Alegre, ed. Mediação, 2009.

intocável, que não aceita com facilidade a dúvida e assim, concomitantemente, mata o interesse do aluno pela matéria.

Esse professor, predominantemente sério, sisudo, fechado ao diálogo nos corredores da universidade ou em outro ambiente, sendo sempre curto no falar e ligeiro à se retirar, grosso nas respostas às dúvidas feitas em sua aula, não só distancia-se de um bom relacionamento com outros seres humanos (seus alunos) como cria uma lacuna que, por muitos estudantes, é confundida entre a figura desse professor e a matéria que leciona. Estamos, sucintamente, apontando um possível caso de “professores”<sup>9</sup> que por suas atitudes distanciam seus alunos do conteúdo e a possibilidade disso ocorrer nas matérias da geografia física, contribuindo para sua futura negligência, quando o graduando for à sala de aula e não souber ministrar bem esse conteúdo. Assim, ao neutralizar o contato do graduando com o expositor da matéria, o estudante se verá obrigado, caso ainda queira aprender tal conteúdo, a buscar esse conhecimento sozinho sem a ajuda do profissional mais indicado.

Nessa vaidade acadêmica, o professor passa uma maquiagem de “professor universitário, intelectual da sociedade” e passa a usar palavras difíceis e termos estrangeiros sem explicação, não abre seu ponto de vista ao debate em sala de aula (e também não ensina a seus estudantes que quaisquer que forem as opiniões elas devem ser respeitadas). Por acaso esses professores universitários acham que são melhores que alguém só porque estudaram mais que os outros? Vangloriam-se de uma série de conhecimentos que não descobriram sozinhos, mas dependeram da leitura de outros cientistas para aprenderem algo.

### *O futuro professor precisa **querer** aprender.*

Se tenho noção de que serei um professor de geografia, e mesmo após passar no mínimo 4 anos observando a importância que minha ciência tem para com a sociedade, como posso me fazer cego às exigências a mim feitas? Ser professor, para além de

---

<sup>9</sup> Se esses profissionais cumprem as lamentáveis práticas ditas à cima, só são professores porque têm um diploma, um simples pedaço de papel que informa isso. De fato, em prática e em verdade, esses não o são, pois o professor verdadeiro é aquele quem ensina e constrói de forma digna e respeitosa, tendo consciência de que ele é só mais um no mundo científico.

gostar de ensinar, exige responsabilidades, como as de conhecer minha matéria. O problema, quanto a geografia física, é que muitos dos que estão se graduando na licenciatura são mais interessados na geografia humana do que na geografia física, portanto, em meio a graduação, desprezam ou tratam como segundo plano os conteúdos que tratam os aspectos naturais do planeta. Seja por descaso, preguiça, falta de afinidade, tal procedimento é infeliz uma vez que esses estudantes não estão considerando as exigências de suas futuras profissões. Qual será seu plano? Ensinar o que vêem nos livros didáticos? Como pretendem estudar sem orientação assuntos que são tratados somente no nível superior?

Serei professor num país que parece não levar a sério minha profissão e nem seus verdadeiros e benéficos impactos. Por isso, diante desse trágico quadro, tenho que me fazer minimamente competente em todos os assuntos que minha ciência discute em sala de aula. Isso é ser responsável e compassivo com a intelectualidade e formação do ser humano próximo a mim, meus alunos.

### **3.2.2. A prática de professor: os alunos, o professor, a escola**

#### *Um pouco sobre os professores*

Claudius Ceccon (et.al., 1989) em seu surpreendente livro “*A vida na escola e a escola da vida*” nos traz uma emblemática frase a cerca da qualidade de vida dos professores e que é marca indelével de sua profissão: “*De uma maneira ou de outra, quando se encontram de uma turma de alunos, percebem que as crianças tem uma dificuldade enorme de seguir o programa. Também se dão conta de que eles próprios, professores, foram mal preparados para o trabalho que têm que fazer. Cercados por dificuldades de todos os lados os professores se sentem cansados e desanimados. Eles tem que resolver sosinhos os problemas em sala de aula sem ter quem os ajude. Para se defender de tudo isso, eles adotam por vezes uma atitude autoritária em relação aos alunos e aos pais ou então entregam os pontos e se desinteressam da sorte de seus alunos*”.

Se tudo não cooperar o “tempo de vida útil” do professor diminui. O tempo de vida útil do professor aumenta se o aluno se interessar, isso motiva, é resposta positiva.

Mas como fazer isso numa realidade onde só a internet e a televisão são atrativas? Num contexto onde os alunos não querem saber de trabalho, só de lazer (e isso acontece mais nas escolas dos subúrbios do que dos centros, onde os alunos são doutrinados a estudar para crescer na vida)?

Todo amor deve ser correspondido, inclusive o amor à educação, do contrário, ele desfalece. Em não raros casos alguns professores desanimam em dar aulas pois vêm que seus conteúdos não estão sendo minimamente interessantes ao alunos. Um dos motivos para isso é que o conteúdo não faz parte da vida do estudante, não lhe causa interesse pois não afeta seu cotidiano, sendo assim, ocorre o descaso. Não há uma contextualização. Como em todo amor não correspondido, o professor também não se interessa mais em dar aulas, assim, passa a ensinar por si e para si mesmo, em frases comuns como: “vou dar a matéria, quem quiser que aprenda” ou “eu não preciso dessas aulas, meu dinheiro esta caindo na minha conta!”. Tal professor, em seu novo estilo de lidar com sua profissão, acredita que esta vivendo para si só, não se estressa, não se preocupa, não planeja aulas diferentes para turmas diferentes, continua ganhando seu salário, não se sensibiliza com seus alunos e o pior, não constrói nem desconstrói nenhum paradigma neles, apenas deixa um espaço vazio em um estudante que poderia ser magistralmente bem aproveitado! Inocente engano. Tomando tal atitude, esse “educador” não está servindo a ele próprio, mas a um sistema corrupto e promotor do desprezo ao próximo, divulgado subliminarmente pelas mídias, e que deseja essa exata atitude dos professores: falta de interesse por questões de nossa realidade; falta de conhecimento, baixo teor de crítica em nossos argumentos, dentre outras faculdades que nos faltam. Diante desse lamentável quadro, podemos entender que o professor que não ensina, promove, propaga, difunde e progride nessa alienação, desejada por nosso capitalista sistema social e mortal – literal e figuradamente.

O professor tem que motivar o aluno, plantar para colher, pois se depender somente do aluno, das políticas educacionais ou dos meios midiáticos, eles jamais irão se interessar pelo conhecimento que a humanidade produz e que irá lhes servir como instrumento emancipador.

Um pouco sobre alunos e escola

**ENTREVISTA → P= pesquisador / A= aluno**

**P:** *O que você prefere: estudar ou fazer outras coisas?*

**A:** *Outras coisas*

**P:** *Por quê?*

**A:** *Porque é mais divertido! É mais legal! Estudar é um saco, tem que ficar lendo um monte de coisa toda hora, um monte de coisa chata. Pra que eu quero saber disso? Nunca vou usar essas coisas! Não gosto de ler.*

(entrevista fictícia)

Mesmo que não tenha sido de fato realizada, a ilustrativa entrevista à cima expressa uma realidade tão comum em tantos alunos de tantas idades e séries escolares que nem precisa realmente ser feita. Na verdade, creio que todos os que passaram pelo ambiente escolar já pensaram dessa maneira (uma ou duas vezes, para uma ou duas matérias no mínimo) ou já tiveram contato com alguma dessas falas.

Como o visto até agora, a culpa pelo fracasso escolar dos alunos não é responsabilidade interina deles.

Todos em nossa sociedade sabem da importância da escola, sabem a importância de se estudar. Claudius Ceccon juntamente com Miguel e Rosiska de Oliveira trazem-nos belíssimas reflexões sobre isso no livro “*A vida na escola e a escola da vida*”. Mesmo sendo sua 18ª edição escrita em 1989, muitas de suas idéias pulsam verdade até hoje. Através desses autores podemos pensar que todos realmente projetam na escola sua possibilidade inicial de crescer na vida, de ser alguém. Mas, se isso é verdade, por que existem inúmeros casos de pessoas que não gostam de estudar? Se é natural do ser humano gostar de aprender, por que muitos alunos não gostam do ambiente escolar? Podemos listar uma série de motivos.

Ao longo de nossas vidas podemos ver o caminho que iremos trilhar, mas não o final de nossa jornada. Por exemplo, a criança, a partir de certa idade, já sabe que irá terminar a escola, entrar numa faculdade, depois entrar no mercado de trabalho, e irá se aposentar, mas o que vai acontecer depois que se aposentar é incerto. Ou não. Existem



aqueles que sabem que, de certa forma, não podem perder tempo estudando, tem que trabalhar para poder ajudar em casa.

Por isso, talvez o aluno da fictícia entrevista tenha razão. A grandíssima maioria da classe suburbana realmente nunca vai usar os conhecimentos escolares pois está fadada a ser parte do setor terciário. Já a classe média e alta irá usar somente um conhecimento específico que vai adquirir na faculdade – por isso muitas escolas hoje, públicas e particulares, podem ser enxergadas apenas como grandes cursos pré-vestibular disfarçados de instituições de ensino.

A escola torna-se assim um pré-vestibular (àqueles que possuem condições de se manterem nela) ou um ambiente que tira da grande maioria dos estudantes o interesse pelo saber, ajudando a transformá-los em apenas mais um na massa de manobra.

Tem até alunos que não fazem faculdade pois acham que não tem jeito para estudar, quando na verdade, a falta de vocação para os estudos não é natural do aluno, mas posta, inserida, nele ao longo de sua vida escolar. Mais uma vez nos escritos de Claudius Ceccon encontramos um trecho de texto tão emblemático quanto indelével que trata desse assunto da falta de vocação para o estudo: *“Uns aprendem a falar em casa a língua bonita e correta que a escola exige; outros falam de um jeito que a escola considera feio e errado. Uns estão bem alimentados e bem vestidos; outros vêm para a escola com fome e com frio. Uns tem tranqüilidade para estudar em casa e contam com o auxílio dos pais; outros têm que estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Uns entendem e se adaptam aos regulamentos da escola; outros se sentem mal, reagem e são punidos. Uns já aprenderam em casa uma serie de coisas que a escola valoriza; outros só sabem as coisas que a escola despreza.*

*É por tudo isso que querer tratar da mesma maneira alunos que se encontram em situação desigual, fingindo que todos têm a mesma possibilidade de aprender o que a escola ensina, significa não apenas manter a desigualdade, mas até aumentá-la.*

*É preciso que fique bem claro que se as crianças pobres fracassam isso não é culpa delas, nem é uma coisa inevitável. O mal resultado das crianças pobres é consequência de uma serie de coisas que podem e devem ser mudadas.*

*Para acabar com o fracasso em massa das crianças mais pobres é preciso, antes de mais nada, ver e compreender como a escola está organizada por dentro. É preciso saber o que acontece com as crianças dentro da escola. É preciso conhecer os*

*mecanismos e os modos de funcionamento dessa engrenagem que faz com que uns poucos tenham sucesso e que a grande maioria fracasse. Só assim será possível agir para mudar a escola.”* (CECCON et.al., 1989).

Também os alunos são expostos à condições diversas de desinteresse pelo estudo<sup>10</sup> e à péssima qualidade do ensino publico brasileiro (salvas as exceções dos C.A.P.’s, colégios federais e I.F.’s ) onde, não raro, faltam materiais tão básicos que nos causam espanto, como livros didáticos, cadernos, lápis/caneta, carteiras e quadros negros, mas onde sobra, como aponta VESENTINI (2007), CECCON (et.al.,1989) e THEODORO DA SILVA (2000) tanto um reprodutivismo das relações de poder e opressão da sociedade – sendo esse um aspecto essencial da escola, ainda que não nítido – quanto espaços para se implementar praticas e teorias que questionem a conjuntura atual. Quanto a esses “espaços de luta” entendemos que a vida diária de uma escola permite, na verdade, muito pouco tempo para que se desenvolvam as atividades mediante a outras tantas exigências do calendário escolar.

Podemos então elencar que a aversão pelos estudos podem residir nos seguintes itens:

- Meios midiáticos: não te ensinam a estudar, só te mostram um consumismo, entre outras coisas. Qual a maior mensagem que ela prega: diversão ou obrigação?
- Maus professores: não contextualizam, não incomodam o aluno com a ciência, não fazem o conteúdo ser significativa, não despertam a curiosidade, o senso critico e o estímulo a pesquisa e as ciências, apenas cumprem o enfadonho dever de passar conteúdo a alunos.
- Ambiente escolar: muitas vezes repressor e reprodutivista com avaliações, reprovações e outros métodos capitalistas de (des)valorização de sua mão de obra;

---

<sup>10</sup> Pensemos bem, as programações de televisão não nos estimulam em momento algum a estudar. A televisão por si só já é um compendio de informações prontas e rápidas. Os telejornais informam-nos dos assuntos com tanta precisão que não sentimos necessidade de buscar suas fontes. Ao meio-dia, horário em que todos estão almoçando, as principais programações são as que tratam de esportes – especificamente de futebol.

Como nos calar diante desse quadro? O que podemos fazer para, no mínimo, amenizar esse quadro? Antonio Carlos Castrogiovanni, em seu artigo “Apreensão e compreensão do espaço geográfico” do livro “Ensino de geografia: praticas e textualizações no cotidiano” nos oferece um sucinto caminho. Ele diz que o mundo fora da escola é bem mais atraente, tem mais luzes, cores, “*mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências*” (CASTROGIOVANNI, 2009, p.13), enquanto a escola parece ser homogênea<sup>11</sup>, transparente e sem brilho no que se refere a essas características.

É urgente teorizar a vida para que o aluno possa entendê-la, pensar sobre ela, criticá-la e viver em busca de seus interesses. O aluno tem que ser incomodado com as reflexões que o professor trás em sala de aula. Por isso o conteúdo deve ser contextualizado tanto quanto for possível.

“[...]o espaço observado apenas do ponto de vista da forma e da estrutura, ou seja, do visível, não tem significações e tão pouco desperta os alunos para possíveis emoções. Todo trabalho espacial deve conter os sentimentos de provocações dos ‘por ques’ e ‘para quem’. O quando e o como são indispensáveis no entendimento do processo[...]” (CASTROGIOVANNI, 2009, p.14). Ou seja, mostrar o espaço físico por si só não adianta, tem-se que ser gerado no aluno o incômodo, que surgirá a partir da contextualização, da aproximação do conteúdo com a vida do estudante.

### **3.3. Livros didáticos e livros didáticos de geografia**

Uma frase de José Willian Vesentini nos faz pensar amplamente. A idéia que ele nos traz é a de que apesar de o conteúdo não ser o responsável pelo problema do ensino, e provavelmente não é o maior problema também, ele é sem duvida importante. Enquanto caminhava por essa pesquisa que vos apresento e avançava na graduação comecei a perceber a mesma coisa. Prestemos atenção não ao conteúdo, mas ao que o sustenta. Os conteúdos desconexos e entregues aos professores para que eles façam as

---

<sup>11</sup> Todos os anos é a mesma coisa, você chega na sala, vê e ouve um monte de coisas – o aluno, muitas vezes, não faz parte da construção de seu conhecimento, apenas engole tudo o que lhe é transmitido – vai pro recreio, faz testes, trabalhos em aula, em casa, provas, recebe suas notas e é só isso). Nota nossa.

devidas ligações são entregues assim pelo governo em forma de currículos mínimos, PCN's e livros didáticos.

Á luz de Vesentini podemos ver que o que temos que nos atentar quanto ao livro didático não é somente no que ele pode oferecer (como o conteúdo, as imagens, a forma como se organiza, vocabulário, questões propostas e etc.), mas também o que ele representa. O autor faz uma bela análise em seu livro *“Geografia e textos críticos”* no artigo *“A questão do livro didático no ensino de Geografia”* sobre a questão dos livros didáticos. E, uníssono a uma análise feita por Dirce Suertegaray em *“A natureza da Geografia Física na Geografia”*, revela como a perspectiva de uma geografia dita “tradicional” diminuiu o campo de atuação da geografia física gerando até os dias de hoje mazelas dicotômicas, dificuldades de identificação de muitos geógrafos com esse campo e, a por nós estudada, negligência com a geografia física escolar.

Em seu livro, Vesentini nos mostra esclarecedoramente as características dos livros didáticos (que hora o autor chama de manuais escolares) nos moldes da geografia tradicional e pudemos perceber similaridades com alguns dos livros de hoje. Os livros didáticos da geografia tradicional se iniciavam com o quadro físico e depois punham uma espécie de superestrutura construída pelo homem e pela economia. Os capítulos, os temas, são estanques e sem grandes relações entre si e *“não há sequer uma interação nos moldes ecológicos dos elementos da geografia física”* (VESENTINI, 2007, p.168) havendo apenas poucas e muito pobres relações entre vegetações e climas. No mais, o livro de geografia tradicional traz um debate sobre o possibilismo VS determinismo onde o primeiro sempre vence, e como um todo o livro traz *“uma visão naturalista ingênua do ser humano, como se o grande problema das relações sociedade/natureza fosse o quem domina quem”* (idem). Não se faz presente a idéia de construção ou produção do espaço porque esse debate realmente não tem lugar numa perspectiva que não considera como importante os conflitos, as lutas, as oposições e que considera o homem como *“uma idéia unívoca e eterna”*. Assim como vê o homem, a natureza também é encarada nessa perspectiva como algo que, apesar de apresentar dinâmica própria, é *“unívoca e eterna”*<sup>12</sup> e por isso o respeito e o valor que deve ser dado a

---

<sup>12</sup> Destacando-se a palavra “eterna” e contextualizando historicamente a Geografia Tradicional brasileira podemos entender a indiferença com a natureza que o governo brasileiro conseguiu subliminarmente empregar durante o período da expansão intra-territorial do Estado – de Brasília até a Amazônia, entre outros movimentos – onde não importavam serem destruídos biomas, desde que o fossem em nome do

geografia física se diluem em meros conteúdos memorativos, onde o importante é gravar quantidades e formas. Mas existe aqui um potencial escondido. A partir do conhecimento da geografia física é possível gerar ações que permitam uma apropriação do espaço pelas comunidades, além de elas interferirem na construção de seu espaço social como um todo.

Após a década de 70 (década de início da gradual ascensão da geografia crítica em detrimento do lugar hegemônico que a geografia tradicional possuía) os manuais começam a mudar sua perspectiva e debruçam-se em conteúdos mais críticos apesar dessa linha crítica não ser homogênea.

Especificamente sobre a geografia física, Vesentini mostra que o trato dado a ela nos livros didáticos da geografia crítica se dá de forma diferenciada. A princípio, como aponta, existe um consenso entre os autores da geografia crítica que *“a forma usual de colocar as bases físicas antes e nela encaixar o homem e a economia é incorreta e deve ser modificada”*. Bem, não é assim que identificamos na maioria dos livros que são usados hoje nas escolas. Muitos livros ainda deslocam suas poucas páginas de geografia física para o início ou fim de seu volume. Mesmo admitindo que os livros de hoje, na parte da geografia física, avançaram em cores, boxes explicativos, figuras, fotos, imagens, muitos deles continuam com a mesma dinâmica interna de conteúdos não relacionados e que pouco são significativos para os alunos. Muitas vezes esses conteúdos, mesmo com boas figuras, continuam difíceis de serem entendidos pelos estudantes pois exigem muita abstração, seguem raciocínios muito específicos e não fazem sentido para suas vidas.

Alguns autores da geografia crítica preferem misturar o social e o natural pondo juntos temas como clima + agricultura; geomorfologia/geologia + indústria. Outros trazem natureza e homem como sendo elementos de uma evolução natural do planeta onde, num certo momento, o homem passou a incorporar em suas dinâmicas próprias a

---

progresso da nação. O que antes era dito em aberto, hoje permanece escondido. Os reais avanços territoriais do agronegócio não podem ser mostrados a uma população que se preocupa com o aquecimento global e com a preservação do meio ambiente.

natureza de onde saiu. Existem também aqueles que preferem tratar a natureza como subsumida pelo social, reconhecendo que ela possui dinâmica própria<sup>13</sup>.

Nossa análise, tendo como um dos critérios os livros didáticos para avaliar se há uma negligência com a geografia física, é que os autores de nossa época parecem ignorar as críticas feitas aos livros didáticos<sup>14</sup> pois que insistem, ainda que não assumidamente, em tratar com os métodos da geografia tradicional os conteúdos da geografia física.

Nas palavras de Nestor André Kaercher: “*Basta lermos um livro didático de geografia para percebermos que seu formalismo excessivo leva à construção de uma idéia [...]: a da geografia como um ensino árido, classificatório e distante de nossa realidade [...]*”. O resultado é os alunos pensarem: “*geografia é coisa (só) de escola!*”. “*Afinal, mais importante do que saber o que é um planalto é perceber que o relevo é modificado tanto pela natureza quanto pelos seres humanos! Ser menos formalista equivale a ser menos conteudista. O conteúdo não é o único objetivo, é um caminho (e eles são muitos) para se ir além dele*”. Isso não significa que não devemos dar conteúdos em aula, pelo contrário, “*sem memorizar uma série de coisas simples, não garantiríamos sequer nossa sobrevivência[...]*”, só estamos dizendo que a memorização em excesso e as classificações presentes nos livros mata a geografia física escolar. Teria a geografia física escolar recebido apenas uma marola na onda revolucionária da geografia crítica pós anos 70? Teria a geografia física escolar recebido apenas uma marola na onda revolucionária da geografia crítica pós anos 70?

Um livro didático *representa* o local onde o saber é definido, acabado e correto e é utilizado no cotidiano para se tirarem dúvidas, e por em prova as opiniões ou como fonte de estudo para as avaliações, como se fosse um manual. Complementando o trabalho que estamos apresentando de Vesentini, observamos que o autor chama o livro

---

<sup>13</sup> Em seu artigo, José Willian Vesentini aprofunda o debate sobre as três formas em que a geografia crítica traduzir a geografia física em seus livros didáticos.

<sup>14</sup> Como as também apresentadas em: CASTELLAR, S.; VILHENA, J. *Ensino de Geografia*. São Paulo: Cengage, 2010. e GERARD, F.M.; ROGIERS, X. *Conceber e avaliar manuais escolares*. Porto. Porto Editora, 1989.

didático de “manual”, termo comum entre os escritores da área da educação, mas podemos também observar que, para além do sentido de “estar sempre à mão” existe, quando em crítica, a intenção de chamá-lo de um guia. E realmente é um guia aos professores que desejam preparar suas aulas pretendendo a participação direta de seus estudantes, isso é, quando possuem o livro didático em sala – fato que por muitas vezes não se encontra vivo na grande maioria das escolas públicas. Mas também o livro didático é um manual, ou seja, algo que só faz facilitar o trabalho com instruções prontas, para aqueles professores enfadados, que não mais querem desenvolver suas aulas<sup>15</sup>. Perderam, por acaso, a noção de que vidas serão marcadas por suas condutas em sala de aula? Poderíamos dizer que “sim” para alguns casos, mas seria imprudente despejar toda a culpa do desestímulo dos professores somente nesses indivíduos, visto que a própria conjuntura sócio-político-econômica não favorece, valoriza ou viabiliza com dignidade os serviços e valores dessa profissão.

---

<sup>15</sup> Sonia Castellar e Jerusa Vilhena, também em seu trabalho exposto na citação “3”, aprofundam esse debate apontando que muitos professores usam os livros como um fim, e não como um meio. Dessa forma jamais conseguiram com que os conteúdos sejam importantes para os alunos pois se prendem aos exemplos simples apresentados no livro com caráter meramente didático enquanto esquecem-se que o mundo real apresenta uma muito maior complexidade de interação. Esses não ensinam seus estudantes a entender o mundo, a ler o planeta, mas somente a ler e ver livros didáticos. Não ensinam seus alunos a pensar no real, apenas os reduzem ao mundo fantasioso dos exemplos.

## 4. CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE GEOGRAFIA

### 4.1. Dicas para as aulas

Hoje quando raramente se é lecionada a parte física do espaço ao nosso redor, esse conhecimento não é construído com os alunos, e sim lhes é passado apenas na forma do fatídico e popular “decoreba”.

O ensino prazeroso, defendido pelos autores da Psicologia da Educação e da Didática, é retirado do processo de aprendizagem do aluno no momento em que ele não é convidado a construir um conhecimento, mas é excluído desse processo, e a ele, só resta a imposição do conteúdo e a obrigatoriedade de gravá-lo. Em piores casos, quando o ensino “geografia física” é abortado das salas de aula, o aluno cresce sem um mínimo contato ou familiarização com esse eixo da geografia.

É realmente um grande desafio ensinar uma matéria que vimos na faculdade para estudantes que sabemos que talvez não irão compreender em toda plenitude o que estamos nos propondo a explicar. Talvez eles não estejam nem mesmo interessados naquilo. Contudo, como professores, e como agentes da educação libertária, devemos nos esforçar para que o desenvolvimento daqueles seres humanos seja o mais completo o possível. Então como ensinar algo tão complexo, que nos exigiu uma carga tão complexa e grande de leitura na faculdade? Sobre esse assunto, encontramos no artigo de Nídia Nacib Pontuschka – “*A Geografia: Pesquisa e Ensino*”<sup>16</sup> – uma citação de Jean Marechal que diz:

*“O saber que se torna objeto de ensino na escola não é o saber universitário simplificado, é um saber transformado, recomposto, segundo um processo que trata de dominar ao máximo, evitando simplificações que deformam o conhecimento ou que provocam desvios”.*

A transposição didática, ato de traduzir o conhecimento acadêmico à linguagem escolar “[...]leva em conta a essência da estrutura da disciplina, de suas noções e conceitos estruturantes, de suas escolhas metodológicas e das exigências de se adaptar

---

<sup>16</sup> Artigo presente em: CARLOS, A. F. A.(org). Novos caminhos da geografia. 5ª edição, 2ª reimpressão, São Paulo, Ed. Contexto, 2010.



*a linguagem ao público alvo endereçado, escolhendo as situações problemas e o nível de complexidade das soluções*”. (MARECHAL p. 47,48 *apud* PONTUSCHKA, 2010)

O verdadeiro ensino é aquele em que o aluno consegue aprender, ou seja, dar sentido ao conteúdo que internalizou, e não apenas memorizar, como aponta Celso Antunes no livro “*Geografia e didática*”.

Novamente em seu artigo “*Geografizando o jornal e outros cotidianos: praticas em geografia para além do livro didático*” Nestor André Kaercher nos mostra formas de gerar no aluno um interesse pela temática tratada em sala de aula

Alguns passos metodológicos que podem nortear nossas atividades docentes (como valorizar sua aula):

- 1- *Ouvir os alunos;*
- 2- *Sistematizar no quadro e no caderno suas falas, dúvida e discussões;*
- 3- *Criar polêmicas e duvidas sobre o eu se vê e o que se ouve;*
- 4- *Sistematizar no quadro e no caderno essas novas descobertas geradas a partir das duvidas e conclusões elaboradas para assim surpreende-los*
- 5- *Provocar surpresas que estimulem a paixão pelo aprender, discutir com o grupo e pensar em novas formas de organização do nosso espaço e sociedade que visem um mundo mais justo e organizado e pluralidade;*

Complementar a essa idéia, novamente chamamos Ezequiel Theodoro da Silva (2000) para preencher o debate com suas idéias sobre *como não ser um bom professor*.

Ele diz que para ser um mal professor você deve:

- 1- Dissertar diariamente sobre a matéria sem parar, não permita diálogos com seus alunos sobre a matéria ou sua posição sobre o assunto.
- 2- Nunca utilize linguagem corporal e nem se movimente pela sala, se possível imite a imagem póstuma da esfinge ou a do cristo redentor.
- 3- Mantenha-se sempre sério e sisudo em sala de aula, você não precisa de alunos amigos
- 4- Não utilize palavras e expressões simples, mas sempre prefira termos mais difíceis, a exemplo, ao invés de “triparte” é melhor do que “três partes” ou prefira uma expressão estrangeira
- 5- Quando os alunos perguntarem algo difícil finja que não escutou ou congratule-os dizendo que essa era uma pergunta que você iria abordar na

aula seguinte. O aluno se sentirá feliz com seu poder de previsão e uma semana depois o assunto vai ser esquecido.

Esperamos que com as práticas ditas a cima, se é que vai dar tempo de realizá-las todas durante o curto espaço de tempo que a geografia tem nas escolas, os professor venham a discutir esses pontos e pô-las em funcionamento da maneira mais eficaz. Outra pratica importante, especifica para a geografia física, é dar, quando possível, uma aula sobre um fenômeno que ocorreu recentemente. Assim, no dia em que chover, o professor pode dar aulas sobre chuvas, poluição do ar e chuvas ácidas; nos dias em que estiver muito quente, ou muito frio, explicar os climas do Brasil, as correntes marítimas e de ventos; quando houver algum deslizamento perto do local onde os alunos moram, explicar sobre os solos, as dinâmicas geomorfológicas e ainda nesse eixo comentar sobre as placas tectônicas, vulcões e terremotos. Se a região onde moram for contemplada com algum fenômeno particular, como é o caso de Arraial do Cabo e Cabo Frio com a ressurgência, esse será um prato cheio para explicar como possivelmente a vida daquela sociedade é também influenciada pela dinâmica natural daquele local. Isso é de fato contextualizar o conhecimento na vida dos alunos.

#### **4.2. Materiais concretos**

As dicas anteriormente dadas são importantes para aqueles que querem dinamizar suas aulas, de quaisquer matérias. Especificamente para a geografia física, como forma de tentativa de amenizar sua negligencia, podemos usar os materiais concretos.

“Materiais concretos” são todo o material que o professor pode usar em sala de aula que vá além do famoso sistema *cuspe giz*, ou seja, que vai além do cotidiano uso do quadro e da palestra proferida. Exemplos fotografias, vídeos, filmes, poemas, musicas, trechos de livros, mapas ou quaisquer outras ferramentas de relato que as ciências possam usar. Inclusive as maquetes. E sobre elas podemos conversar mais uma vez com Antonio Carlos Castrogiovanni em seu já citado artigo.

O autor indica que a maquete “*é uma representação tridimensional do espaço. Ela deve funcionar como um laboratório de geografia onde há uma percepção dos espaços. [...] Ela gera a criatividade individual e coletiva (quando feita pelos alunos).*”

*Uma maquete precisa de um tema, justificativa, perguntas e imaginação e um breve aporte teórico sobre o tema por ela abordado” e dessa forma, trazendo ao aluno o espaço numa escala onde ele pode ser visto como um todo, o estudante conseguirá ampliar sua visão.*

Por tudo isso ela é um bom começo para despertar no aluno uma metodologia de pesquisa e *“quando já pronta é necessário que o professor traga algumas problematizações sobre o tema questões que fazem parte desse aporte teórico e sobre o local representado. [...] Indagar sobre o local representado na maquete faz com que o cotidiano (prático) e o teórico (acadêmico) entrem em contato, contextualizando e aproximando o conteúdo da realidade dos alunos.*

Aproximar o conteúdo do cotidiano fará o aluno pensar sobre o próprio trabalho que fez e sobre sua vida com questões como: *sabendo que essa maquete é sobre a região x, me digam, onde estão construídas as casas? Para onde escorre a água da chuva? Isso é bom ou ruim? O que a vegetação tem a ver com isso?*

Com a resposta, e dependendo do interesse dos alunos, é possível aproveitar e aprofundar o debate e gerar o início do teor crítico sobre o espaço que toda pessoa deveria ter.

São inúmeros os exemplos de materiais concretos que nós professores poderíamos levar à sala de aula para tornar o ensino da geografia física mais proveitoso e didático, como uma pequena caixa de vidro transparente com as divisões das camadas do solo, levar amostras dos diferentes tipos de rocha mais comuns [metamórfica (gnaisse ou mármore), intrusiva (granito), extrusiva (basalto) e sedimentar (como conchas e arenitos)], mas uma das questões que residem nessa proposta é *como e com que tempo da minha vida irei fazê-los e levá-los até a escola?* Existem vídeos no site *You Tube* e em diversos blogs que nos ensinam a fazer os mais diversos materiais concretos. Assumimos que fica realmente difícil para o professor ter que gastar de seu dinheiro próprio na confecção desses materiais sendo que muitos deles são até meio difíceis de transportar caso o indivíduo não tenha um carro e a escola não lhe forneça os matérias para isso. Nossa dica é de que o professor tenha sempre materiais leves e práticos, como as amostras de rocha, mapas bem ilustrados e de fácil compreensão, levar musicas em seu próprio celular, entre outros.

Outra importante questão sobre essa proposta é salientada por Theodoro da Silva (2000). Ele diz, na página 79 de sua obra que *“às vezes os elementos didático-pedagógicos e os recursos de ensino (áudio visuais) são tomados como fins em si mesmo. O professor leva eles achando que por eles próprios os alunos vão entender o conteúdo, mas é necessário que o professor estude a fundo para conseguir dar boas explicações sobre seu material, que é apenas complementar.”*

Diante do exposto de Ezequiel podemos até brincar dizendo que uma aula de 2 horas deve pressupor 200 horas de estudo pois um professor (que almeje ser um docente de qualidade alta) jamais deverá prender-se somente ao conteúdo ou a material que está tratando. Obviamente, o enfoque no assunto que está sendo tratado facilita e possibilita a construção do conhecimento na mente do educando, porém, a flexibilização dos conhecimentos (como a apresentação de exemplos empíricos ou a aproximação do conteúdo dado com outras áreas do conhecimento humano) assume papel essencial nesse processo pois há de ampliar a visão do estudante, abrindo caminhos para seu aprendizado.

## 5. PARA NÃO CONCLUIR

O problema com a geografia física dificilmente será revertido pois o quadro da educação brasileira é deplorável. E esse não constitui o único motivo. A visão que a sociedade tem da natureza hoje, como simples objeto (fruto da coisificação e objetivação capitalista de tudo o que nos rodeia) afasta a população de um contato maior com os elementos da primeira natureza. Não faz parte da nossa cultura, a cultura do capitalismo, se relacionar emocionalmente com nada que o capital não possa vender ou patrocinar. Dessa maneira, por causa da filosofia desse sistema que usa irresponsavelmente os elementos da natureza como matéria prima, desrespeitando toda forma de vida, a geografia física perde contexto escolar. Perde contexto já que não é interessante para o capital que se façam debates mais sérios e profundos sobre destruição de biomas, degradação de solos entre outros, pois uma vez feitos esses conteúdos que envolvem diretamente a vida da população a deixaria um pouco mais consciente, um pouco mais crítica, e assim paulatinamente veríamos em ascensão um processo de resistência a algumas bases capitalista.

Nosso trabalho objetivou identificar as raízes da negligencia com a geografia física. As proveitosas leituras bibliográficas apontaram para dois problemas maiores, que antecedem e ajudam a explicar a negligencia com a geografia física, um debatido nesse trabalho e outro não, quais sejam, a filosofia do sistema educacional e sua pratica voltadas ao favorecimento do sistema sócio-econômico-político no qual vivemos e a forma como a sociedade se relaciona com a natureza, sendo esse ultimo o que não foi debatido nesse trabalho mas com o qual pretendo me preocupar no por vir.

Ao longo da pesquisa são analisados diversos eixos que envolvem a educação. Os três principais ramos são o professor em sala de aula escolar, os alunos e as políticas educacionais, como o PCN, os livros didáticos, entre outros.

Busco, para poder entender as raízes mais profundas dessa negligencia, entender como o professor de geografia está sendo formado, levando em consideração seus gostos pessoais e afinidades ou não pela geografia física, seus professores na academia. Também pensamos em como as políticas educacionais atacam não só os professores, mas também os conteúdos da geografia física. É também um alvo entender a desmotivação dos alunos frente aos conteúdos e ao ambiente escolar, como elas surgem

e como podem dissipar a força vital e a qualidade profissional do educador escolar, o desmotivando mais ainda para seu trabalho

A maioria dos professores entende a importância de unificar “as duas geografias” em sala de aula, mas muitos não o fazem. As condições precárias no ensino brasileiro, a falta de interesse dos alunos mediante a atividades mais atrativas, o desestímulo que os professores recebem pelas baixas condições de trabalho e remuneração, a má preparação de livros didáticos, do PCN, e a má formação de professores são fatores que dizimam um proveitoso ensino da geografia física.

É de meu pleno interesse que esse trabalho, e principalmente as discussões nele presente não se encerre à academia e muito menos à biblioteca dessa universidade, pois considero que o tema nele proposto, por mais que não venha através de meus escritos, são tão somente essenciais à formação do licenciando em geografia. Como já foi muitas vezes apontado aqui, nem de longe o problema que a geografia física escolar passa se limita à esse campo do conhecimento, não é somente um problema epistemológico da geografia como ciência, antes se espraia à toda educação brasileira. A evolução dessa pesquisa, ao invés de se especificar num único campo (como a geografia física ou a humana) deverá verter-se a um debate mais amplo, onde atacará frontalmente outros ambientes como o desfavorecimento da educação no Brasil, a questão da educação no sistema capitalista, e trazendo uma perspectiva que busque cada vez mais valorizar a realidade de professores, alunos e políticas educacionais que vão, direta ou indiretamente influenciar a qualidade da educação.

## 6. BIBLIOGRAFIA

- AB' SÁBER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. 6ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ANDRADE, M. C. de. Trajetória e compromisso da geografia brasileira. In: CARLOS, A. F.A. (org.). *A geografia na sala de aula*. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- ANTUNES, C. *Geografia e Didática*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ASCENÇÃO, V.O. R.; VALADÃO, R.C. “As abordagens do relevo e suas dinâmicas por professores do ensino fundamental: o conhecimento do conteúdo”, *Boletim Paulista De Geografia/ Seção São Paulo – Associação dos Geógrafos Brasileiros*, nº 90, São Paulo: Xamã, 2010, p. 167-178
- BRASIL. LEI Nº 8.069, DE 13 DE JULHO DE 1990. ESTATUDO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: [www2.planalto.gov.br](http://www2.planalto.gov.br) acessado em 01/07/2014
- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (ORG). *Ensino de geografia: praticas e textualizações no cotidiano*. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- CASTELLAR, S. M. V.; MORAES, J.V. *Ensino de geografia*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- CASTROGIIVANNI, A. C. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (ORG). *Ensino de geografia: praticas e textualizações no cotidiano*. 7ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.
- CECCON, C. (et. Al.). *A vida na escola e a escola na vida*. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1989.
- COLTRINARI, L. A Geografia física e as mudanças ambientais. In: CARLOS, A. F. A. (org). *Novos caminhos da geografia*. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- CONTI, J. B. A Geografia física e as relações sociedade-natureza no mundo tropical. in: CARLOS, A. F. A. (org). *Novos caminhos da geografia*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FREITAS, L.C. Neotecnicismo e formação do educador. In: ALVES, Nilda (org.). *Formação de Professores: Pensar e fazer*. 5ª ed. São Paulo, Cortez, 1999.

- GONÇALVES, C. W. P. *Os (Des)Caminhos do meio Ambiente*. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- KAERCHER, N. A. Geografizando o jornal e outros cotidianos: praticas em geografia para alem do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (ORG). *Ensino de geografia: praticas e textualizações no cotidiano*. 7ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2009
- KURZ, R. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. Natureza em ruínas. Disponível em <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz81.htm> acessado em 27/06/2014
- LACOSTE, Y. *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.
- LESANN, J. *Geografia no ensino fundamental I*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.
- LIBÂNEO, J. C. (et.al.) *Educação Escolar: políticas, estruturas e organização*. 9ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- LOPES, L. M. O; NOBRE, B. A. *O ensino da geografia física na educação*. Trabalho apresentado no III Congresso Norte Mineiro De Pesquisa Em Educação: Diferentes Linguagens Na Formação De Professores. UNIMONTES, 2011.
- MOREIRA, R. *O que é geografia*. São Paulo: Brasiliense, 1988
- PALACIOS, J. R.. 1993. Estudo Espectral do fenômeno da Ressurgência de Cabo Frio (RJ,Brasil). Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Geofísica do Observatório Nacional do CNPQ.
- PASSINI, E. Y. *Alfabetização cartografia e a aprendizagem da geografia*. São Paulo: Cortez, 2012.
- PONTUSCHKA N. N. A Geografia: pesquisa e ensino. in: CARLOS, A. F. A. (org). *Novos caminhos da geografia*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- ROSS, J. L. S. *Ecogeografia do Brasil*, subsídios para o planejamento ambiental. São Paulo: Oficina de textos, 2009
- \_\_\_\_\_. (org). *Geografia do Brasil*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2013.
- SOUZA, V.C. A formação acadêmica do professor de geografia: dimensões teóricas. In: CALLAI, H.C. *Educação geográfica: reflexão e prática*. Ijuí: Unijuí, 2011.



- STRAHIER, A. N. STRAHLER, A. H. *Geografia física*. 3<sup>a</sup> ed. Espanha: OMEGA, 1984.
- SUERTEGARAY, D. M. A. Geografia física (?) geografia ambiental (?) ou geografia e ambiente? In MENDONÇA, F; KOZEL, S. *Elementos de epistemologia da geografia contemporânea*. Curitiba: Ed da UFPR, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Geografia física: de onde viemos e para onde vamos?* Palestra proferida no XV Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada. Vitória/ES, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a geografia física no ensino fundamental e médio*. mimeo
- THEODORO DA SILVA, E. *O professor e o combate a alienação imposta*. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2000
- VESENTINI, J. W. Educação e ensino de geografia: instrumento de dominação e/ou libertação. In: CARLOS, A. F.A. (org.). *A geografia na sala de aula*. 8<sup>a</sup>ed. São Paulo, Contexto, 2008, p. 9 - 13
- VITTE. A.C. “A construção da geografia física no Brasil: Um estudo quantitativo a partir de periódicos nacionais (1928-2006)”. *Geografia: Ensino & Pesquisa*, v. 12, Santa Maria, p.27-35, 2008.

## **ANEXO**

**Universidade Federal Rural Do Rio De Janeiro**

Instituto De Agronomia – Departamento de Geociências – **Geografia**

Iniciação Científica – FAPERJ

**Orientador:** Andrews José De Lucena

**Orientando:** Isaque Vilar Huguenin

Questionário:

Tema: Educação Geográfica em Perspectiva:

**1 – Quanto tempo você tem de formação?**

**2 – Quanto tempo você levou para se formar?**

**3 – O que o levou a escolher a Geografia?**

**4 – Você teve suporte de sua instituição de ensino em sua formação (infra estrutura, corpo administrativo, corpo docente, houve dialogo)?**

**5 – Como foi seu empenho/dedicação na sua graduação?**

**6 – Quando você começou a atuar no ensino? No meio privado ou publico?**

**7 – Como você avalia o ensino no Brasil?**

**8 – Como você avalia a escola em que está atuando?**

**9 – Qual a sua impressão quando pensa na geografia como ciência?**

**10 – Com qual tema na geografia você tem mais afinidade?**

**11 – Qual a sua avaliação sobre seus colegas professores de geografia?**

**12 – Como você avalia o material didático que lhe é fornecido (livros didáticos, globos mapas, *datashow*, etc.) ?**

**13 – Como você avalia o currículo geral da geografia (PCN) ? E o currículo escolar?**

**14 – Como você vê a geografia física?**

**15 – Como você vê a geografia humana?**

**16 – O que você acha da interação entre geografia física e humana? Você acha que é possível?**

**17 – Qual a sua estratégia didática para aproximar o aluno dos conteúdos geográficos que você leciona?**

**18 – Você utiliza das particularidades físicas da sua região para explicar a geografia?**